UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIENCIAS HUMANAS E TECNOLOGIAS – CAMPUS XX, BRUMADO PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA - PARFOR
COLEGIADO DE LETRAS, LÍNGUA INGLESA E LITERATURA.

**MARIA ARLETE RODRIGUES DA SILVA**

# ENSINO DE LÍNGUA INGLESA PARA ALUNOS SURDOS: uma revisão sistemática

**Boquira- Bahia**
**Julho /2019**

**MARIA ARLETE RODRIGUES DA SILVA**

# ENSINO DE LÍNGUA INGLESA PARA ALUNOS SURDOS: uma revisão sistemática

Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia - UNEB, modalidade PARFOR, Curso de Letras Língua Inglesa e Literatura, como pré-requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado (a) em Letras – Língua Inglesa e Literaturas.

Orientadora: Professora Doutora Juliana Cristina Salvadori

Boquira - Bahia
Julho /2019

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus filhos Kelly, Kleviton e Herik que me apoiaram e compreenderam minha ausência, no decorrer desse curso

"Não é a surdez que define o destino das pessoas,
mas o resultado do olhar da sociedade sobre a surdez". (Vygotsky).

**MARIA ARLETE RODRIGUES DA SILVA**

**ENSINO DE LÍNGUA INGLESA PARA ALUNOS SURDOS: uma revisão sistemática**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao departamento de Letras – Língua Inglesa e Literaturas, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, modalidade PARFOR, Campus XX, como parte dos requisitos à Licenciatura em Letras – Língua Inglesa e Literaturas. Aprovado em ____/____/____.

**BANCA EXAMINADORA**

_____

Orientadora: Professora Doutora Juliana Cristina Salvadori (UNEB)

_____

Membro: Professor Doutor José Carlos Felix (UNEB)

_____

Membro: Professora Mestra Ilauanna Teles Silva

## LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Descritores e resultados no Catálogo de Teses e Dissertações CAPES
Quadro 02 - Caracterização dos trabalhos selecionados para a revisão
Quadro 03 - Análise do Artigo 01
Quadro 04 - Análise do Artigo 02
Quadro 05- Análise do Artigo 03
Quadro 06 - Análise do Artigo 04
Quadro 07 - Análise do Artigo 05
Quadro 08 - Análise do Artigo 06
Quadro 09 - Análise do Artigo 07
Quadro 10 - Análise do Artigo 08
Quadro 11 - Análise do Artigo 09
Quadro 12 - Análise do Artigo 10
Quadro 13 - Análise do Artigo 11
Quadro 14 - Análise do Artigo 12
Quadro 15 - Análise do Artigo 13
Quadro 16 - Análise do Artigo 13
Quadro 17 - Análise do Artigo 13

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

| | |
|---|---|
| ASL | Língua Americana de Sinais |
| BNCC | Base Nacional Comum Curricular |
| CAPES | Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior |
| DIRES | Diretoria Regional de Saúde |
| EAD | Educação a Distancia |
| LIBRAS | Língua Brasileira de Sinais |
| FAIBRA | Faculdade Integrada do Brasil |
| IBGE | Instituto Brasileiro Geografia e Estatística |
| IENSA | Instituto de Ensino Nossa Senhora da Abadia |
| PUCPR | Pontifícia Universidade Católica do Paraná |
| TILS | Tradutor Intérprete de Língua de sinais |
| UEPB | Universidade Estadual da Paraíba |
| UFES | Universidade Federal do Espírito Santo |
| UFMG | Universidade Federal de Minas Gerais |
| UFMT | Universidade Federal do Mato Grosso |
| UFPB | Universidade Federal da Paraíba |
| UFPR | Universidade Federal do Paraná |

**SUMÁRIO**

1 INTRODUÇÃO ..... 11
2 TRAJETÓRIA HISTÓRICA E POLÍTICA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS ..... 14
2.1 Intérpretes e professor no processo de inclusão dos estudantes surdos no ensino regular ..... 16
2.2 Ensino de Inglês para os alunos surdos..... 21
3 REVISÃO SISTEMÁTICA..... 24
3.1 Achados da revisão sistemática CAPES.....25
3.2 Caracterização dos trabalhos selecionados para a revisão..... 26
3.3 Banco de dados. Avaliação dos trabalhos e suas contribuições para o tema.....27
3.4 Discussão.....46
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....50
REFERÊNCIAS.....53

**RESUMO**

Esta é uma pesquisa de caráter bibliográfico que teve como metodologia revisão sistemática de literatura pois buscou fontes primárias acerca do tema, para traçar um estudo secundário, mapeando trabalhos acadêmicos que tenham com objeto o ensino de Língua Inglesa para alunos surdos no Brasil. O banco de dados selecionado para busca foi o catálogo de teses e dissertações da CAPES, pois reúne a produção da pós-graduação stricto sensu brasileira. A revisão aqui se divide nos três processos indicados por Nakagawa (2017): Planejamento (Planning); Condução/Execução (Conduction) e Escrita do relatório da revisão (Reporting), e seguiu as seguintes etapas da construção do protocolo: escolha da temática, critérios de inclusão e exclusão da amostra para busca dos trabalhos científicos, procedimentos de coleta de dados, estratégia de avaliação e análise de dados. A questão norteadora que conduziu os procedimentos foi: como as práticas pedagógicas dos professores de língua inglesa, para alunos surdos na sala regular, contribuem para a sua aprendizagem? Os descritores usados para a busca foram Surdez, Língua de Sinais, Educação Inclusiva, Libras e Língua Inglesa, que foram combinados por meio dos operadores lógicos "AND" e "OR". Os textos foram selecionados a partir de critérios de inclusão (Texto online acessível, na íntegra e em língua portuguesa; Texto publicado entre 2009 a 2019; Área de conhecimento Educação, Letras ou Linguística; Área de concentração Educação, Linguística Aplicada e correlatas; Textos que abordem a surdez e o ensino de língua inglesa para surdos no contexto da educação básica/escola regular; Textos que apresentem os descritores no título e/ou resumo) e exclusão (Publicações incompletas ou indisponíveis; Trabalhos repetidos; Trabalhos que não tratassem do tema proposto na revisão). As publicações foram selecionadas após a leitura do título e do resumo das mesmas, de forma a atenderem aos objetivos propostos neste trabalho. A análise dos trabalhos considerou: Objetivos da pesquisa, Problema de pesquisa/questões norteadoras, Método e Dispositivos de Pesquisa Participantes e Lócus da pesquisa, entre outras questões, de modo a traçar panorama dos achados nas pesquisas em nossa área. Entre os trabalhos analisados prevalece o consenso de opiniões dos docentes que ministram aulas de inglês em turmas inclusivas de que não se sentem preparados para estar à frente de uma turma inclusiva. Encontramos na maioria dos trabalhos analisados que, além de se estar ensinando a terceira língua ao surdo, utilizando o português, que é uma linguagem oral, as aulas estão acontecendo sem a presença de intérpretes, ferindo um direito do surdo garantido por lei, que lhes garante ensino bilíngue a partir da Língua Brasileira de Sinais. Diante do que observamos nos textos analisados, em resposta à pergunta levantada, no início do trabalho, inferimos que as práticas pedagógicas são descontextualizadas no que tange ao uso da LIBRAS, levando o estudante surdo ao processo de desinteresse e, consequentemente, de evasão. Assim, as práticas pedagógicas utilizadas pelos professores de inglês não estão contribuindo para a aprendizagem do aluno surdo, a não ser em casos específicos, quando se parte para diversificação da metodologia de aula e avaliação, uso de adaptações de pedagogia visual.

**Palavras Chaves:** Língua Inglesa; Libras; Surdos; Práticas Pedagógicas.

**ABSTRACT**

This is a bibliographic research that had as methodology systematic literature review because it sought primary sources on the subject, to draw a secondary study, mapping academic works that have the purpose of teaching English language to deaf students in Brazil. The database selected for the search was the catalog of CAPES theses and dissertations, as it gathers the production of the Brazilian stricto sensu graduate program. The review here is divided into the three processes indicated by Nakagawa (2017): Planning; Conduction and Writing of the Report of the Review, and followed the following steps of the construction of the protocol: choice of theme, inclusion and exclusion criteria for the search of scientific papers, data collection procedures, strategy evaluation and data analysis. The guiding question that led the procedures was: How do the English language teachers' pedagogical practices for deaf students in the regular classroom contribute to their learning? The descriptors used for the search were Deafness, Sign Language, Inclusive Education, Pounds and English Language, which were combined using the logical operators "AND" and "OR". The texts were selected according to inclusion criteria (Online text accessible, in full and in Portuguese language; Text published between 2009 and 2019; Knowledge area Education, Letters or Linguistics; Concentration area Education, Applied Linguistics and related texts; address deafness and deaf English language teaching in the context of basic education / regular school; Texts presenting the descriptors in the title and / or summary) and exclusion (Incomplete or unavailable publications; Repeated works; Works that did not address the proposed theme in the review). The publications were selected after reading the title and abstract of them, in order to meet the objectives proposed in this paper. The analysis of the papers considered: Research objectives, Research problem / guiding questions, Participating Research Method, Devices, and Research Locus, among other questions, in order to draw an overview of the findings in the research in our area. Among the papers analyzed, there is a consensus of teachers who teach English classes in inclusive classes that they do not feel prepared to be in charge of an inclusive class. We found in most of the papers analyzed that, in addition to teaching the third language to the deaf, using Portuguese, which is an oral language, the classes are taking place without the presence of interpreters, injuring a right of the deaf guaranteed by law. guarantees bilingual education from the Brazilian Sign Language. Given what we observe in the texts analyzed, in response to the question raised at the beginning of the paper, we infer that the pedagogical practices are decontextualized with regard to the use of LIBRAS, leading the deaf student to the process of disinterest and, consequently, evasion. Thus, the pedagogical practices used by English teachers are not contributing to the learning of the deaf student, except in specific cases, when departing for the diversification of the classroom methodology and assessment, the use of adaptations of visual pedagogy.

**Keywords:** English Language; Pounds; Deaf; Pedagogical practices.

# 1 INTRODUÇÃO

Após muito tempo de perseguições e luta pelo reconhecimento de seus direitos, sendo proibidos de usarem gestos naturais para se comunicar, obrigados a aprender a falar, em salas de aulas oralistas, os Surdos, enfim, conquistaram o direito de frequentar a sala de aula regular, com ouvintes, usando sua própria língua, a Libras. (PEREIRA, 2009). Seus direitos foram ampliados, mediante o reconhecimento de que as pessoas surdas são iguais aos falantes, exceto pelo fato de, por não oralizarem, a sua forma de comunicação é, essencialmente visual-gestual. Seu cognitivo se desenvolve de modo visual, oposto aos ouvintes que utilizam a audição para se comunicarem.

Conjuntamente ao direito deste usarem a Libras como sua Língua materna outros foram conquistados, como à educação, ao lazer, à profissionalização, ao emprego. Passou a ser direito de crianças, adolescentes e adultos surdos a educação em todos os níveis, como pressuposto a uma capacitação profissional. Além disso, a pessoa surda passou a ter direito de aprender uma língua estrangeira.

O ensino de língua estrangeira, no contexto da escola inclusiva, para alunos surdos, foco desse trabalho, cujo tema é "Ensino de língua inglesa para alunos Surdos: uma revisão sistemática", vem ganhando espaço em nossa sociedade e é de extrema importância que estes tenham acesso à informações sobre outras culturas. As atividades de ensino da Língua Inglesa para surdos é um tema, relativamente recente na nossa sociedade, e pelo quadro da educação inclusiva, nossa hipótese à respeito foi que o ensino de Inglês para surdos não está surtindo o efeito desejado. Os surdos não estão aprendendo inglês.

Consideramos que a discussão desse tema seja relevante para o Curso de letras, pois envolve o ensino da Língua Inglesa para o aluno Surdo, e os professores que ensinam inglês para o estudante Surdo, são graduados nesse curso. Acreditamos que se tiverem que ser feitas algumas intervenções para melhorar esse ensino, essas deverão ser colocadas nas salas de aulas do curso de Letras. O ensino de inglês para o Surdo ensino necessita ser pensado, analisado criticamente, e reformulado para auxiliar o professor em sua pratica pedagógica na disciplina.

Além de ser relevante para os docentes do curso de Libras, acreditamos que seja também para a comunidade surda e para as suas famílias, pois, diz respeito, diretamente a um direito, por eles conquistados. Além disso, inglês, está presente em todos os lugares, nos negócios na política, na internet, é a língua estrangeira mais falada, conhecida no mundo, e

sua aprendizagem é importante para desenvolver o indivíduo de forma integral e oferece instrumentos indispensáveis de trabalho. (PCN-LE, 1998). Com a reformulação da Base Nacional Comum Curricular - BNCC, o ensino do Inglês passou a ser obrigatório na grade curricular. Nesse contexto, o surdo pode ter sua primeira língua ou língua materna, a língua de Sinais, a língua Portuguesa, na modalidade escrita, como segunda língua, e a terceira língua, na modalidade escrita o inglês.

É inegável a relevância de se ter acesso a aprendizagem da língua inglesa, e no caso específico da pessoa surda, saber usar o inglês é permitir o exercício de sua cidadania, uma oportunidade de conhecer cultura diferente da sua e a possibilidade de ampliar seu campo de trabalho. Portanto, é relevante a aprendizagem do inglês, como terceira língua sua terceira língua. (ANTONIO E FERRARI, 2013).

É necessário garantir o direito do Surdo à Educação Inclusiva de qualidade. É necessário concretizar o direito das pessoas com deficiência de uma forma geral e dos surdos, como demanda a Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da inclusão, nas salas regulares. É necessário garantir que esse estudante tenham acesso ao inglês como sua terceira língua, com práticas pedagógicas adequadas à sua forma de adquirir conhecimentos. E para o sucesso dessa aprendizagem o professor de Língua Inglesa precisa buscar formas e estratégias para possibilitar o sucesso nesse processo pois o inglês constitui-se, hoje, ferramenta e meio de comunicação universal.

Diante do exposto acima, surgiu o a pergunta de partida acerca dessa revisão sistemática: as práticas pedagógicas utilizadas pelos professores de inglês estão contribuindo para a aprendizagem do aluno surdo? Nessa perspectiva, objetivo do trabalho foi verificar como as práticas pedagógicas utilizadas por professores de língua inglesa para alunos surdos contribuem para a sua aprendizagem.

É uma revisão sistemática de caráter bibliográfico, de ordem qualitativa que busca identificar, categorizar e refletir sobre o que tem sido apresentado nos trabalhos acadêmicos em âmbito da pós-graduação brasileira stricto sensu, no que tange à a surdez e educação básica, em interface com ensino de língua inglesa, após a deliberação da Lei que reconhece a Libras como primeira língua do sujeito surdo. (BRASIL, 2002).

É uma pesquisa bibliográfica, pois esta fornece subsídios para conhecermos o que os teóricos educacionais, da área, nos apresentam sobre o tema em questão e servir como base para nos fundamentarmos teoricamente. A amostra foi selecionada com base nos critérios de seleção e análise de uma pesquisa de revisão sistemática, no banco de dados CAPES,

composta por dezoito textos, entre teses e dissertações. Foram usados os seguintes descritores para a escolha dos textos: Libras, Surdez, Educação Inclusiva, Ensino de Língua Inglesa, Práticas pedagógicas, Surdez / Libras/ Educação Inclusiva

Além de tudo, a revisão sistemática é um estudo que reúne materiais idênticos de variados autores e realiza uma ampla revisão. É considerada uma pesquisa secundária porque utiliza estudos primários para fazer a análise. (NAKAGAWA, 2017). Para nos ajudar com a fundamentação dessa revisão buscamos publicações acerca do tema Surdez e Língua Inglesa com escritos de teóricos da área, (SOUSA e SILVEIRA, 2016), (SKLIAR, 1997), (QUADROS e KARNOPP), (COSTA, 1994).

No capítulo 2 tratamos da trajetória histórica e política da educação de surdos, descrevendo problemas e dificuldades encontradas por estes, nos permitindo evidenciar os fatores sociais, políticos e culturais que influenciaram na educação dos surdos e na elaboração da proposta da Educação Inclusiva. No tópico 2.1 apresentamos a participação dos intérpretes e dos professores no processo de inclusão dos estudantes surdos no ensino regular, suas obrigações e a necessidade de buscar formação continua para o efetivo trabalho com os surdos. No tópico 2.2 abordamos o ensino de Inglês e sua relevância para os alunos surdos, sobre como devem estar em contato com novas culturas, além da sua.

No capítulo 3 apresentamos a revisão sistemática, detalhando os critérios de planejamento, a condução, escrita de relatório da revisão os trabalhos selecionados e os descritores. No tópico 3.1, apresentamos o Catálogo de teses e dissertações CAPES com as informações gerais dos trabalhos científicos selecionados para análise e discussão sobre as práticas pedagógicas dos professores de língua inglesa para alunos surdos na sala regular. No capítulo 4 tecemos as considerações finais.

## 2 TRAJETÓRIA HISTÓRICA E POLÍTICA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS

Pessoas com deficiências já foram consideradas loucas ou iluminados. Foram – e tem sido, principalmente de modo simbólico - submetidas a extermínios, perseguição, rejeição, negligência, exclusão, em uma concepção pré-formista que atribuía as causas da deficiência à forças sobrenaturais de anjos ou demônios. Eram afastadas do convívio social, mortas por asfixia, sacrificadas ou protegidas. (FERREIRA E GUIMARÃES, 2003).

A partir do século XVI, através de estudos realizados com surdos, o Monge Ponce de Leon concluiu que eles tinham possibilidade de raciocinar e realizar muitas tarefas, além da capacidade de se comunicar através de sinais. (FERREIRA E GUIMARÃES, 2003). A partir daí criou-se a primeira escola para surdos utilizando-se dos gestos para comunicação em uma perspectiva pedagógica. Após estes acontecimentos, outros avanços foram surgindo na educação das pessoas surdas, porém, alguns cientistas acreditavam que se eles aprendessem a oralizar poderiam se integrar ao convívio social com o falantes. (FERREIRA E GUIMARÃES, 2003).

No Brasil começou-se a falar em educação de surdos entre as décadas de 50 e 60, ou seja, final do Século XX início do Século XXI, através do Instituto Nacional da Educação dos Surdos (INES), também de base oralista: era proibido se comunicar por sinais, o surdo deveria aprender a falar, para, de acordo com entendimento da época, deixar de ser selvagem, abandonado as mímicas. O paradigma oralista foi consagrado durante o Congresso de Milão, realizado em 1880, e a partir de então norteou práticas pedagógicas e escolares para surdos, com repercussões até hoje. (SKLIAR, 1997, p. 109)

O INES continuou a funcionar como um centro de integração para o fortalecimento do desenvolvimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras), uma vez que o professor da instituição, A. J. Moura e Silva, observou que o oralismo não servia para ensinar todas as pessoas surdas, e relatou isso ao governo, que concordou em permitir que a escola usasse sinais. Nessa época, já tinham passado em média 18 estudantes pelo INES e esses estudantes surdos levaram consigo, de volta às cidades de origem, o aprendizado da Libras. (SCHLÜNZEN *et al*, 2017, p. 52).

Assim, de acordo com Schüzen a LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais foi se consolidando enquanto as pessoas surdas eram atendidas à parte, separadas, segregadas, em uma perspectiva integracional, ou seja, de modificá-la para integrá-las à sociedade. (SCHLÜNZEN *et al*, 2017).

Na década de oitenta, para que a integração da pessoa com deficiência ao convívio escolar e social se realizasse, de fato, houve mobilização com o objetivo de especializar os professores para trabalhar com as estudantes especiais, a fim de integrá-los ao convívio social. (SÁNCHEZ, 2005).

A integração funda-se na normalização, ou seja, na visão clinica terapêutica, paradigma biomédico. No que tange à escola, integração significava introduzir um aluno com deficiências ou dificuldades de aprendizagem em uma turma com as mesmas atividades ofertadas aos demais, sem adaptação, esperando que esse acompanhasse a norma da turma, da escola, caso tivesse possibilidade. Se não, não poderia permanecer na escola. A integração não tinha um olhar voltado para as diferenças de seus alunos, pois pauta-se numa prática pedagógica homogeneizadora. No processo de aprendizagem, os estudantes com deficiência colocados na sala de aula de ensino regular eram orientados da mesma forma que os demais, os neurotípicos. (SÁNCHEZ, 2005).

Assim, a escola permaneceu pautada por esse paradigma, sem atender as necessidades de uma minoria, que sentia-se excluída e discriminada, cada vez mais, pelo próprio sistema educacional. Em resposta aos anseios de movimentos sociais organizados, no mundo, pautados pelo objetivo de desinstituicionalização e logo de superação da segregação de minorias, a escola brasileira passa a adotar a inclusão orientada pela Declaração de Salamanca, fruto da Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais ocorrida na Espanha em 1994. (SÁNCHEZ, 2005).

Essa conferência pautou os princípios, políticas e práticas para pessoas com deficiência sedimentada na Declaração Mundial sobre a Educação para Todos, apontando os princípios de uma Educação Especial e de uma pedagogia centrada no estudante com deficiência. Preconizou que pessoas com deficiências deveriam ser inseridas em escolas regulares, que deveriam adaptar-se para recebê-las com obrigatoriedade de atender às suas necessidades. (SÁNCHEZ, 2005).

A Declaração de Salamanca sobre Princípios, Política e Práticas na Área das Necessidades Especiais formaram os princípios da Educação Inclusiva. Durante a conferência foi elaborado um documento internacional com a função de criar diretrizes para elaborar políticas públicas inclusivas para o acesso de pessoas com deficiências nos sistemas educacionais, no mundo. Estas serviriam com incentivo em escolas regulares, bem como orientação e estratégia contra a discriminação. (SÁNCHEZ 2005). Nessa conferência surgiu o termo escolas inclusivas:

> Escola inclusiva é o contexto educacional que garante esse processo a cada um de seus alunos, reconhecendo a diversidade que constitui seu alunado, respeitando essa diversidade e respondendo a cada um de acordo, com suas peculiaridade e necessidades. (BRASIL, 2000, p.42).

Assim, as escolas regulares passaram a oferecer vagas e matricular todos os alunos. Estruturadas, ou não, deveriam organizar-se para atender aos estudantes com deficiências e garantir-lhes condições imperativas para que estes nela permanecessem e, de fato aprendessem, o que lhes seriam oferecido. ((SÁNCHEZ, 2005).

Os resultados, de imediato, não foram os esperados, pois esse novo paradigma educacional não encontrou nem a escola adaptada, nem os profissionais preparados para atuarem. Era necessário refazer o Projeto Político Pedagógico, nas escolas, com base nos princípios inclusivos em respeito à diversidade. Porém, os acontecimentos se seguiam e a inclusão já era uma realidade, um direito de todos.

## 2.1 Intérpretes e professor no processo de inclusão dos estudantes surdos no ensino regular

A Libras foi utilizada inicialmente na Idade Média, entre monges espanhóis, para preservação do voto de silêncio feito por eles. Assim criaram um alfabeto datilológico, ou manual, com apenas uma mão, para comunicação entre si. A partir daí vários alfabetos foram criados com base neste, na Europa. Com o passar do tempo, baseados nesse alfabeto, surgiram, vários outros pela Europa e o alfabeto datilológico de duas mãos, da Inglaterra. (HORTÊNCIO, 2005).

No Século XVI professores de surdos começaram a utilizá-lo nas escolas. Entretanto, na América do Norte, este alfabeto foi sistematizado em forma de códigos, servindo como estrutura para a Língua de Sinais. Entretanto, os surdos não nascem sabendo a Libras, tampouco o ouvinte, assim como qualquer língua ela necessita ser ensinada, traduzida ou interpretada. Nesse sentido, (HORTENCIO, 2005. p. 34), explica:

> A interpretação é a variedade da tradução que consiste em mediar a comunicação entre pessoas de diferentes grupos linguísticos, em tempo real, ou seja, no momento em que ocorre a interação verbal ou verbal e em sinais. Já a tradução, propriamente dita, lida com as variedades escritas das línguas orais. A terminologia empregada tanto na interpretação como na tradução são

> similares. Por exemplo, ambas utilizam o termo "texto de partida", para se referir ao texto traduzido e "língua de partida", ou "língua fonte", para se referir à língua desse texto. A língua para a qual o texto de partida é traduzido é chamada "língua de chegada", ou "língua alvo". A tradução, ou a versão do texto de partida, é chamada "texto de chegada".

Consideramos importante a diferenciação acima, no sentido em que muitos, nos dias atuais, ainda confundem tradução com interpretação na Libras. Libras é um tipo de tradução, porém, feita em tempo real e na presença do receptor da interpretação, processo complexo e mais difícil pois a interpretação entre a Língua oral e Língua de sinais se dá em modalidades diferentes: é mais difícil do que processo de interpretação entre o Português e o Inglês que são línguas da mesma modalidade, oral (SEGALA, 2010).

A despeito disso, a atividade de interpretação é muito antiga, porém, não se sabe, ao certo, quando surgiu o intérprete de língua de sinais. Sabe-se que, na Suécia, século XIX, intérpretes de Língua de sinais faziam interpretações nas Igrejas e, mais tarde, todos os surdos passaram a ter esse direito, sem nenhum ônus. (HORTENCIO, 2005).

Nos Estados Unidos, em 1815, Thomas Gallaudet foi intérprete de Laurence Clerce, mas somente em 1964 foi inaugurada uma organização nacional de intérpretes para surdos nesse país. (HORTENCIO, 2005). No Brasil, a atividade de interpretação da Língua de sinais é recente, inicia-se em na década de oitenta em trabalhos religiosos.

> Nessa época, os intérpretes não tinham o status profissional que hoje possuem, mas muitos daqueles intérpretes que atuavam nesses espaços se tornaram, ao longo dos anos, líderes da categoria e, atualmente, participam do cenário nacional enquanto articuladores do movimento em busca da profissionalização desse grupo, como membros e presidentes das associações de intérpretes de Língua de Sinais no país. (QUADROS, 2008, p.153).

Entretanto as pessoas surdas lutaram por seus direitos e, em 1988 foi realizado o primeiro Encontro Nacional de Intérpretes de Língua de Sinais, através da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos-FENEIS, evento repetido em 1992. No bojo das conquistas em favor dos direitos da pessoa surda, consta a Lei nº 10.436, que reconhece a Libras como meio legal do surdo expressar-se e comunicar-se, além de ser atendido adequadamente em repartições públicas, devendo estar presente nos cursos de formação de professores e de fonoaudiologia. (BRASIL, 2000).

Com as mobilizações e conquistas, consequentemente, as instituições se viram obrigadas a garantir acessibilidade ao surdo por meio do profissional intérprete de língua de sinais. Para tanto, foi sancionada a Lei nº 10.098, no artigo 18 refere-se à responsabilidade do

Poder Público na formação de profissionais intérpretes em Língua de Sinais para intermediar a comunicação de pessoas com deficiências comunicacionais. (BRASIL, 2000).

Entretanto, apesar disso, muitas barreiras foram encontradas, pois, até então, não se tinham interpretes em repartições públicas. Esse decreto estendeu-se a todas as esferas governamentais: municipais, estaduais e federais. No Art. 14, consta que as instituições federais de ensino devem garantir, obrigatoriamente, às pessoas surdas acesso à comunicação, à informação e à educação nos processos seletivos, nas atividades e nos conteúdos curriculares desenvolvidos em todos os níveis, etapas e modalidades de educação, desde a educação infantil até à superior (BRASIL, 2005).

Assim, a presença do interprete de Libras tornou-se obrigatória, através do Decreto n° 5.626, de 22 de dezembro de 2005, nas escolas, qualquer que seja a série que contenha alunos surdos matriculados. Determina que sua formação deve acontecer por meio de Curso Superior de Tradução e Interpretação, com habilitação em Libras – Língua Portuguesa. Nesse contexto, ficou definida a profissão de Intérprete de Libras. Ronice Quadros (2004, p. 7) explica que este profissional é "a pessoa que interpreta de uma língua (língua fonte) para outra (língua alvo) o que foi dito". Esse profissional garantiria então o direito do surdo à uma educação bilíngue em classes regulares.

Assim, o surdo deve aprender a Libras com primeira língua ou língua materna, e a Língua Portuguesa escrita como segunda língua. Nessa perspectiva, a Libras deve ser ensinada à criança surda o mais cedo possível. Os alunos surdos devem ser acompanhados por um intérprete da Língua de Sinais, que seja profissional fluente na língua falada/sinalizada do seu país, qualificado para desenvolver essa função (BARBOSA-JUNIOR, 2011).

Ao profissional intérprete da Língua de Sinais compete interpretar de uma língua oralizada para a sinalizada e de uma língua sinalizada para uma lingual oralizada. Quadros (2004, p. 27) explica que o tradutor intérprete de Língua de Sinais é aquele

> Profissional que domina a Língua de Sinais e a língua falada do país e que é qualificado para desempenhar a função de intérprete da Libras. No Brasil, o intérprete da Língua de Sinais deve dominar a Língua Brasileira de Sinais e a língua portuguesa.

O intérprete de Libras deve ser imparcial, não interferir com opinião pessoal, nem inferir juízo de valor no ato da interpretação. O profissionalismo deve estar acima de tudo, passando confiança e mantendo sua ação em completo sigilo se, assim, for solicitado. (QUADROS 2004). A Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e

Intérpretes e Guia-intérpretes de Língua de Sinais, assinala algumas atribuições do tradutor interprete de Libras.

> -Efetuar a comunicação entre surdos e ouvintes, surdos e surdos, surdos e surdos-cegos, surdos-cegos e ouvintes, por meio da Libras para o Português e vice-versa;-Interpretar, em Libras-Português, as atividades didático-pedagógicas e culturais desenvolvidas nas instituições de ensino nos níveis fundamental, médio e superior, de forma a viabilizar o acesso aos conteúdos curriculares; -Atuar nos processos seletivos para cursos em instituições de ensino e nos concursos públicos; -Atuar no apoio à acessibilidade aos serviços e às atividades-fim das instituições de ensino e repartições públicas; -Prestar seus serviços em depoimentos em juízo, em órgãos administrativos ou policiais. (BRASIL, 2010)

Assim, inferimos que o tradutor/intérprete de Libras é um profissional que atuante em contextos bastante diversificados. O seu campo de trabalho é bastante amplo, pois corresponde a necessidade comunicativa dos surdos. Ronice Quadros enumera alguns princípios éticos que esse profissional deve ter em conta quando estiver interpretando, em qualquer que seja seu campo de atuação:

> a) confiabilidade (sigilo profissional); b) imparcialidade (o intérprete deve ser neutro e não interferir com opiniões próprias); c) discrição (o intérprete deve estabelecer limites no seu envolvimento durante a atuação); d) distância profissional (o profissional intérprete e sua vida pessoal são separados); e) fidelidade (a interpretação deve ser fiel, o intérprete não pode alterar a informação por querer ajudar ou ter opiniões a respeito de algum assunto, o objetivo da interpretação é passar o que realmente foi dito).(QUADROS, 2004, p. 28).

O Intérprete deve exercer sua função com competência e profissionalismo e transmitir na íntegra a fala do professor transmitir. É necessário compreender as ideias transmitidas, considerando a cultura, além de aspectos sociais e emocionais, enunciadas no discurso.

> (…) o trabalho de interpretação não pode ser visto, apenas, como um trabalho linguístico. É necessário que se considere a esfera cultural e social na qual o discurso está sendo enunciado, sendo, portanto, fundamental, mais do que conhecer a gramática da língua, conhecer o funcionamento da mesma, dos diferentes usos da linguagem nas diferentes esferas de atividade humana. Interpretar envolve conhecimento de mundo, que mobilizado pela cadeia enunciativa, contribui para a compreensão do que foi dito e m como dizer na língua alvo; saber perceber os sentidos (múltiplos) expressos nos discursos. (LACERDA, 2009, p. 21).

Em caso de dúvidas sobre o que foi apresentado pelo professor, o intérprete deve requerer ao professor que explique mais uma vez, até que não haja mais dúvidas sobre o

conteúdo para que o aluno surdo não fique prejudicado em sua aprendizagem. Quanto ao professor, é necessário que esteja convicto que o que ele está mencionando está sendo realmente transmitido ao aluno surdo. (LACERDA, 2009).

Conhecer os significados facilita a explicação aos alunos surdos, na maneira de combinar sinais específicos para cada termo, entre si para estes termos. (LACERDA, 2009). Se o intérprete não souber o significado de algum termo especifico, de alguma disciplina, o melhor a fazer perguntar ao professor regente e assim, transmitir o certo ao aluno. Não é tarefa fácil a interpretação, principalmente quando se interpreta várias disciplinas, pois para cada conteúdo será necessário que se busque sinais para enriquecer o vocabulário, contextualizar e transmitir o conhecimento de forma fiel. (LACERDA, 2009). Portanto, em sala de aula, o intérprete deve ter competência para

> Negociar conteúdos com o professor, revelar suas dúvidas, as questões do aprendiz e por vezes mediar a relação com o aluno, para que o conhecimento que se almeja seja construído. O incômodo do professor frente à presença do intérprete pode levá-lo a ignorar o aluno surdo, atribuindo ao intérprete o sucesso ou insucesso desse aluno. LACERDA (2009, p. 123).

Para haver sucesso nessa parceria é necessário que haja planejamento conjunto entre o interprete e o professor para eliminação das dúvidas, acerca dos conteúdos. O intérprete deve reconhecer e comunicar quando não houve compreensão acerca do que foi explicado pelo professor, caso isso aconteça. (QUADROS, 2004). A parceria entre professor e intérprete contribui para melhor desenvolvimento dos alunos surdos, em sala, facilitando ainda mais o processo de inclusão e de ensino e aprendizagem:

> Cabe aos professores procurar novas posturas e habilidades que permitam problematizar, compreender e intervir nas diferentes situações que se deparam, além de auxiliarem na construção de uma proposta inclusiva, fazendo com que haja mudanças significativas pautadas nas possibilidades e com uma visão positiva das pessoas com necessidades especiais. (ROCHA, 2017, p 02).

Nessa perspectiva, o professor deve adotar metodologias que valorizem a cultura surda e levem o aluno à compreensão do conteúdo, modificando seu método e estratégias de ensino quando sentir que seja necessário, pois a presença do interprete não é suficiente para que a aula aconteça da forma planejada. Assim, a parceria entre os dois profissionais é imprescindível para o desenvolvimento dos alunos surdos. (LACERDA, 2009). O professor deve adotar práticas que favoreçam a atuação do intérprete da Língua de Sinais, para que o

aluno surdo consiga compreender bem os conteúdos. De acordo com LACERDA E SANTOS, (2013, 15):

> O papel do professor será, então, de desafiar, estimular, ajudar os alunos na construção de uma relação com o objeto de aprendizagem que, em algum nível, atenda a uma necessidade deles, auxiliando-os a tomar consciência das necessidades socialmente existentes.

Para que o que foi sinalizado acima seja, de fato, real, o caminho a seguir é a formação continuada dos profissionais da educação, considerando a aprendizagem da Língua de sinais, preferencialmente em contato com a comunidade surda, e se familiarizando com os surdos, bem como planejamento conjunto das ações de ensino. Através da formação continuada se pode construir proposta inclusiva, considerar adaptações curriculares, diversificar e aperfeiçoar a prática docente, bem como avaliar o seu papel de educador da escola inclusiva.

## 2.2 Ensino de Inglês para os alunos surdos

Todos nós escutamos falar que aprender uma língua diferente da nossa traz benefícios pessoais e profissionais. O ensino de língua estrangeira, no contexto da escola inclusiva, para alunos surdos, vem ganhando espaço em nossa sociedade e é de extrema importância que estes tenham acesso à informação proveniente de outras culturas de uma língua estrangeira.

Vivemos em um mundo globalizado onde estamos em contato com outras culturas, o que se configura em um desafio para professores e pesquisadores dessa modalidade de ensino. O inglês está presente em todas as áreas, é a língua da globalização, do mundo dos negócios, da política, da diplomacia, da internet, da ciência, entre outros (THE ECONOMIST, 2001).

O Inglês é a língua estrangeira mais falada e mais conhecida, atualmente é a língua oficial de cinquenta e quatro países e está em todo o lugar. Inserida em várias áreas de conhecimento, de forma globalizada, nos negócios, na política, internet, na ciência, enfim, é importante para desenvolver o indivíduo de forma integral. (BRASIL, 1998).

O seu ensino propicia aos estudantes uma diferente experiência. Sobre esse ensino, os Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Estrangeira (PCN-LE) afirmam:

> Para que as pessoas tenham acesso mais igualitário ao mundo acadêmico, ao mundo dos negócios e ao mundo da tecnologia etc., é indispensável que o ensino de Língua Estrangeira seja entendido e concretizado como o ensino que oferece instrumentos indispensáveis de trabalho. (PCN-LE, 1998, p. 38)

Independente de serem surdos, ou não, todos devem ter acesso ao ensino de língua estrangeira de qualidade, pois, com a globalização, estamos, diariamente, em contato com informações em várias línguas, com evidência para o Inglês. Saber usar o inglês é permitir ao surdo o exercício de sua cidadania. Assim, é relevante a aprendizagem do inglês, que vira a ser terceira língua para o surdo. (ANTONIO E FERRARI, 2013).

Com a reformulação da Base Nacional Comum Curricular - BNCC, o ensino do Inglês passou a ser obrigatório na grade curricular. Nesse contexto, o surdo pode ter sua primeira língua ou língua materna, a língua de Sinais, a língua Portuguesa, na modalidade escrita, como segunda língua, e a terceira língua, na modalidade escrita o inglês. De acordo com a BBNC:

> Aprender a língua inglesa propicia a criação de novas formas de engajamento e participação dos alunos em um mundo social cada vez mais globalizado e plural, em que as fronteiras entre países e interesses pessoais, locais, regionais, nacionais e transnacionais estão cada vez mais difusas e contraditórias. Assim, o estudo da língua inglesa pode possibilitar a todos o acesso aos saberes linguísticos necessários para engajamento e participação, contribuindo para o agenciamento crítico dos estudantes e para o exercício da cidadania ativa, além de ampliar as possibilidades de interação e mobilidade, abrindo novos percursos de construção de conhecimentos e de continuidade nos estudos (BRASIL, 2016, p. 98).

Diante do exposto, podemos entender que o ensino da língua inglesa traz benefícios para os aprendizes em diversos contextos a exemplo do acadêmico, tecnológico, profissional, linguístico, social e o cultural, dessa forma, enriquece o indivíduo amplamente. (SOUSA e SILVEIRA, 2016), e responde à demanda posta pelos documentos que norteiam a educação básica no Brasil.

Entretanto, a ausência de formação dos educadores para o apoio pedagógico, principalmente na disciplina de Língua Inglesa, para alunos surdos constitui-se um grave problema. Estamos falando de surdos até bem pouco tempo marginalizados, excluídos da sociedade por não falar a mesma língua que o ouvinte, aluno que mesmo assim "tem as mesmas possibilidades de desenvolvimento que a pessoa ouvinte, precisando, somente, que tenha suas necessidades especiais supridas, visto que o natural do homem é a linguagem". (SEESP/MEC 2006, p.35)

Possibilitar ao aluno surdo essa aprendizagem é possibilitar que ele conheça a relevância de seu papel social, e permitir que este acesse e permaneça no presente e no futuro, no mercado de trabalho. Aprender Língua Inglesa na sala de aula regular proporciona, ao

estudante surdo, o desenvolvimento de suas habilidades cognitivas, éticas, estéticas, motoras e sociais. (RAMOS E ROSELLI, 2008). Além disso, a possibilidade de aprender outra Língua, desperta um olhar diferenciado para a cultura de outro povo, uma cultura diferenciada da sua, através da nova linguagem adquirida pode ser construir novas relações, respeitando diferenças e costumes de cada um.

> Ao conhecer outra(s) cultura(s), outra(s) forma(s) de encarar a realidade, os alunos passam a refletir, também, muito mais sobre a sua própria cultura e ampliam a sua capacidade de analisar o seu entorno social com maior profundidade, tendo melhores condições de estabelecer vínculos, semelhanças e contrastes entre a sua forma de ser, agir, pensar e sentir e a de outros povos, enriquecendo a sua formação. (BRASIL, 2000, p. 30).

Assim, para além do direito o ensino de Inglês é uma necessidade, tendo em vista o leque de possibilidades que este apresenta ao aluno surdo. Este necessita de todas as formas de comunicação para o desenvolvimento de sua competência linguística e alcançar o êxito escolar. No próximo capítulo apresentaremos a revisão sistemática de literatura realizada de modo a compreender como as práticas pedagógicas tem enfrentado o desafio de ensinar língua inglesa para aprendizes surdos.

## 3 REVISÃO SISTEMÁTICA

A revisão sistemática é uma investigação científica que reúne estudos relevantes referente a questão norteadora de determinado estudo. Este estudo é uma revisão sistemática, que busca fontes primárias acerca do tema, para traçar um estudo secundário, mapeando trabalhos acadêmicos que tenham com objeto o ensino de Língua Inglesa para alunos surdos no Brasil.

> As revisões sistemáticas são particularmente úteis para integrar as informações de um conjunto de estudos realizados separadamente sobre determinada terapêutica/ intervenção, que podem apresentar resultados conflitantes e/ou coincidentes, bem como identificar temas que necessitam de evidência, auxiliando na orientação para investigações futuras. (SAMPAIO e MANCINI, 2007. p. 84).

O banco de dados selecionado foi o catálogo de teses e dissertações da CAPES, pois reúne a produção da pós-graduação stricto sensu brasileira. A revisão aqui se divide nos três processos indicados por Nakagawa, (2017, p 13):

**1. Planejamento (Planning)**

- Idenficação da necessidade da revisão
- Especificação das questões de pesquisa
- Definição dos critérios de inclusão e exclusão
- Desenvolvimento de um Protocolo de Revisão
- Avaliação do protocolo de revisão

**2. Condução/Execução (Conduction)**

- Seleção dos estudos primários
- Extração dos dados e síntese

**3. Escrita do relatório da revisão (Reporting).**

### 3.1 Achados da revisão sistemática CAPES

O trabalho foi norteado pelas seguintes etapas da construção do protocolo: escolha da temática, critérios de inclusão e exclusão da amostra para busca dos trabalhos científicos, procedimentos de coleta de dados, estratégia de avaliação e análise de dados (NAKAGAWA, 2017). A escolha da temática foi surdez e língua inglesa na educação básica.

A seguir foi formulado a questão norteadora: as práticas pedagógicas dos professores de língua inglesa, para alunos surdos na sala regular, contribuem para a sua aprendizagem?

Os descritores usados para a busca foram Surdez, Língua de Sinais, Educação Inclusiva, Libras e Língua Inglesa, que foram combinados por meio dos operadores lógicos "AND" e "OR".

Os textos foram selecionados a partir destes critérios:

1. Texto online acessível, na íntegra e em língua portuguesa;
2. Texto publicado entre 2009 a 2019;
3. Área de conhecimento Educação, Letras ou Linguística;
4. Área de concentração Educação, Linguística Aplicada e correlatas;
5. Textos que abordem a surdez e o ensino de língua inglesa para surdos no contexto da educação básica/escola regular;
6. Textos que apresentem os descritores no título e/ou resumo.

Critérios para exclusão:

1. Publicações incompletas ou indisponíveis;
2. Trabalhos repetidos;
3. Trabalhos que não tratassem do tema proposto na revisão.

As publicações foram selecionadas após a leitura do título e do resumo das mesmas, de forma a atenderem aos objetivos propostos neste trabalho.

**Quadro 01: Descritores e resultados no Catálogo de Teses e Dissertações CAPES**

| DESCRITORES | RESULTADOS SEM FILROS | RESULTADOS COM FILTROS | SELECIONADOS |
|---|---|---|---|
| Libras | 1523 | 35 | 8 |
| Surdez | 1452 | 5 | 0 *repetidos |
| Educação Inclusiva | 2475 | 8 | 0 *2 dialogavam, mas haviam emergido na primeira busca |
| Ensino de Língua Inglesa | 494 | 29 | 0 * repetidos |
| Práticas pedagógicas | 9465 | 10 | 0 |
| Surdez / Libras/ Educação Inclusiva | 74 | 10 | 8 |
| Surdo/Educação Inclusiva/Práticas pedagógicas | 28 | Não aplicamos | 2 |

A mesma busca foi feita com O quadro 02 reúne os trabalhos que foram selecionados a partir dos critérios acima elencados, que também nortearam a seleção de artigos na plataforma de periódicos da CAPES:

**Quadro 02: Caracterização dos trabalhos selecionados para a revisão**

| AUTORES | TIPO | ANO | IES | TÍTULO |
|---|---|---|---|---|
| POLICARPO, Nádia Maria. | Dissertação | 2010 | UNITAU | A angústia do sujeito-professor diante do processo de ensino e aprendizagem do sujeito-surdo' |
| COSTA, Márcia Cunha Silva | Dissertação | 2013 | UFC | Educação inclusiva e prática docente: tenho um aluno surdo em minha sala. E agora**?** |
| ANTONIO, Lidia e FERRARI e Ana Josefina | Artigo | 2013 | UFPR | Ensinando Inglês por meio de Libras: diálogos possíveis |
| HERNANDEZ, T. Armando Del Pozo. | Dissertação | 2013 | UFRR | Interação professor/estudante surdo na aprendizagem de espanhol como língua estrangeira em Boa VistaRR |
| MELO, Adriana Priscilla Duarte de. | Artigo | 2013 | UNINCOR | Ensino da língua portuguesa como segunda Língua aos alunos com surdez no atendimento educacional especializado na rede Municipal de Três Corações – MG |
| UBÁ, Rossana Cirio | Artigo | 2014 | PUCPR | Aprendizagem de língua estrangeira: um direito do aluno surdo |
| CARVALHO, Raquel Araújo Mendes de. | Dissertação | 2014 | UFG | Desafios e possibilidades do ensino da língua inglesa para surdos. |
| SOUSA, Aline Nunes de | Tese | 2015 | UFSC | Educação plurilíngue para surdos: uma investigação do desenvolvimento da escrita em português (segunda língua) e inglês (terceira língua) |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| COURA, Felipe de Almeida. | Dissertação | 2016 | UFMG | Inglês na palma da mão: letramento crítico e ensino de Inglês para alunos Surdos |
| BORGES, Raema Almeida | Artigo | 2016 | UEPB | A prática pedagógica em língua inglesa com alunos surdos: um estudo bibliográfico. |
| CÔRTES, Anna Karyna Torres. | Dissertação | 2016 | UFBA | As políticas linguísticas públicas e a educação dos surdos na cidade de Conceição do Coité |
| BACHIETE, Janny Aparecida | Dissertação | 2016 | UFES | Inserção da Língua Americana de Sinais no ensino de Língua Inglesa: uma proposta dialógica de translinguismo entre surdos e ouvintes |
| SILVA, Alecrisson da | Dissertação | 2017 | UFS | Práticas pedagógicas na educação de surdos: análise crítica do discurso de professores da educação básica |
| LUNA, Maria Eduarda do Nascimento | Artigo | 2018 | UFPB | Surdez e educação: aspectos históricos e práticas inclusivas no ensino de língua inglesa. |
| ALVES, Tatiane Souza | Artigo | 2018 | UFMT | Ensino da língua inglesa voltado ao aluno surdo: inclusão que integra valor à experiência do professor |
| VASCONCELOS, Stephanie Caroline Alves. | Dissertação | 2018 | UFSC | Inglês como língua adicional para surdos: encontros de leitura do romance gráfico "Monkey food"' |

O trabalho “As contribuições da EAD no aprendizado de uma língua estrangeira por alunos surdos” (2007), de Thalles Martins Rodrigues foi excluído, pois resumo e demais elementos não estavam completos. A seguir detalharemos detalhar com um quadro síntese cada um dos trabalhos selecionados.

### 3.2 Banco de dados CAPES: avaliação dos trabalhos e suas contribuições para o tema.

Quadro 03: A angústia do sujeito-professor diante do processo de ensino e aprendizagem do sujeito-surdo

| **CATEGORIA** | **DESCRIÇÃO** |
|---|---|
| Título | A angústia do sujeito-professor diante do processo de ensino e aprendizagem do sujeito-surdo |
| Autor/a | POLICARPO, Nádia Maria. |
| Ano | 2010 |
| IES | UNITAU |
| Objetivos da pesquisa | Refletir sobre as dificuldades e angústia do sujeito-professor diante do processo do ensino e aprendizagem de alunos surdos, inseridos em sala regular de ensino médio |
| Problema de pesquisa/questões norteadoras | Como os professores se colocam frente à proposta de Educação Inclusiva?<br>Como o sujeito-professor se vê e é visto diante da experiência com o sujeito-surdo? |

| | |
|---|---|
| Método e Dispositivos de Pesquisa | Do ponto de vista teórico-metodológico, tomamos como base os pressupostos da Análise do Discurso de linha francesa (doravante ADF), em especial a terceira fase dos estudos de Pêcheux, na qual o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e pelo inconsciente. Instrumentos de coleta de dados: entrevista semiestruturadas gravadas e posteriormente transcritas. |
| Participantes da pesquisa | Seis professores do ensino médio com alunos surdos em sala sem intérpretes |
| Lócus da pesquisa | Escola de ensino médio da rede pública estadual de ensino da cidade de Roseira do Vale do Paraíba do Sul. |
| Inclusão educacional (conceito, autores, questões, legislação, etc.) | Entendemos que, para viabilizar a prática inclusiva, é necessário ir além do cumprimento da lei, que determina que as pessoas portadoras de deficiência tenham os mesmos direitos humanos e liberdades fundamentais que outras pessoas e, que esses direitos, inclusive o de não ser submetido à discriminação com base nas deficiências, emanam da dignidade e igualdade (LDBEN, 1999). |
| Práticas pedagógicas (conceito, autores, questões, etc.) | A atividade da aluna em sala de aula se resume a copiar o que lhe é passado na lousa. A única disciplina que ela participa e consegue interagir, mais ativamente, é a disciplina de Artes. |
| Resultados e limitações da pesquisa | A presença do aluno surdo, no contexto de sala de aula da escola regular, provoca certo mal-estar nos professores, que pode ser explicado, em certa medida, pelo fato de a prática pedagógica ser fundamentalmente oralizada, comprometendo, assim, a aprendizagem e inclusão do aluno surdo. Este incômodo faz emergir dois sentimentos distintos: culpa e angústia. |

A pesquisadora, em suas observações, chega à conclusão que os seis professores observados não se sentem à vontade em atender aos estudantes surdos. A mesma relata que a presença do aluno surdo, no contexto de sala de aula da escola regular, provoca certo mal-estar nos professores, que pode ser explicado, em certa medida, pelo fato de a prática pedagógica ser fundamentalmente oralizada, comprometendo, assim, a aprendizagem e inclusão do aluno surdo. Este incômodo faz emergir dois sentimentos distintos: culpa e angústia nos participantes.

Quadro 04: Educação inclusiva e prática docente: tenho um aluno surdo em minha sala. E agora?

| **CATEGORIA** | **DESCRIÇÃO** |
|---|---|
| Título | Educação inclusiva e prática docente: tenho um aluno surdo em minha sala. E agora**?** |
| Autor/a | COSTA, Márcia Cunha Silva |
| Ano | 2012 |
| IES | UFC |
| Objetivos da pesquisa | Investigar as práticas docentes utilizadas para favorecer as interações linguísticas do aluno surdo inserido em uma sala de aula regular. |

| | |
|---|---|
| Problema de pesquisa/questões norteadoras | Como um professor ouvinte faria para ensinar uma criança surda? De que saberes esse professor disporia para que seu aluno surdo fosse atendido em suas necessidades educacionais? |
| Método e Dispositivos de Pesquisa | Pesquisa Qualitativa com estudo de caso. Para a coleta de dados utilizou a observação direta. Como instrumentos de pesquisa utilizou diário de campo, entrevistas semiestruturadas, filmagens e fotografias. |
| Participantes da pesquisa | Um aluno com surdez pré-linguística, cursando o 5º ano do Ensino Fundamental e dois professores. |
| Lócus da pesquisa | Uma sala de aula da quarta série do Ensino Fundamental I bairro Genibaú, pertencente à Secretaria Executiva Regional do Município de Fortaleza, - Ceará. |
| Inclusão educacional (conceito, autores, questões, legislação, etc.) | A partir do momento que a escola pretende promover uma educação que respeite a inclusão como aponta Carvalho deverá "[...] propor um paradigma curricular pautado no respeito à diversidade dos alunos e responsivo às suas diferenças [...]" criando o que pode ser chamado de currículo acessível. "[...] Para corresponder a esses requisitos, cabe à escola flexibilizar suas estruturas, sistemas e processos, por meio de estratégias de diferenciação educativa". |
| Práticas pedagógicas (conceito, autores, questões, etc.) | A prática docente para o estudante surdo ainda se encontra deficiente e inadequada. Na escola pesquisada, a falta de atividades pedagógicas adequadas ao aluno com deficiência, comprovou que a inclusão do aluno surdo não se efetivou. |
| Resultados da Pesquisa | O próprio professor aponta como a resolução deste problema, o fato de que sejam inseridos cursos de formação continuada, na tentativa de minimizar os problemas relacionados à inclusão de alunos com necessidades educacionais diferenciadas. A falta de atividades pedagógicas adequadas ao aluno com deficiência comprovou que a inclusão do aluno surdo não se efetivou. |
| Limitações e restrições da pesquisa | A primeira limitação foi encontrar uma criança surda que estivesse frequentando regularmente a escola. Outra dificuldade foi a de estabelecer um contato com a família do sujeito surdo. A falta de uma língua comum entre mim e o estudante surdo. A resistência dos professores por acharem que eu estava desqualificando seu trabalho. Nas relações entre os partícipes desta pesquisa se percebeu que não havia a compreensão dos fenômenos por ausência da palavra. |

A pesquisadora relata que a prática docente para o estudante surdo ainda se encontra deficiente e inadequada. Na escola pesquisada, a falta de atividades pedagógicas adequadas ao aluno surdo comprovou que a inclusão do aluno surdo não se efetivou. A mesma enfatiza que os observados reconhecem que a falta de formação específica dificulta a atuação das mesmas de forma satisfatória.

Quadro 05: Ensinando Inglês por meio de Libras: diálogos possíveis

| **CATEGORIA** | **DESCRIÇÃO** |
|---|---|
| Título | Ensinando Inglês por meio de Libras: diálogos possíveis |
| Autor/a | ANTONIO, Lídia e FERRARI e Ana Josefina |
| Ano | 2013 |
| IES | UFPR- Universidade Federal do Paraná. |
| Objetivos da pesquisa | Sensibilizar a todos no convívio com seus pares e despertar para uma nova linguagem, bem como busca a adaptação do aluno surdo em sala de aula. Difundir a Libras junto com Inglês no âmbito escolar. |

| | |
|---|---|
| Problema de pesquisa Questões norteadoras | Pelo seu ponto de vista, o que seria necessário fazer para atender a todos em sala de aula com equidade? |
| Método e Dispositivos de Pesquisa | Organizar encontros com grupos de trabalhos em rede no segundo semestre pela Universidade Federal de Santa Catarina |
| Participantes da pesquisa | 39 alunos do 6º ano do Ensino Fundamental |
| Lócus da pesquisa | Colégio Estadual Lincoln Setembrino Coimbra em Araucária – Paraná |
| Inclusão educacional (conceito, autores, questões, legislação etc.) | Até o momento, os documentos oficiais mostram a importância de se pensar nas questões inclusivas e necessidades especiais de forma geral. No entanto estes documentos não mencionam as questões de língua inglesa, foco deste trabalho. |
| Práticas pedagógicas (conceito, autores, questões, etc.) | "Procuro sempre, nas minhas aulas de Inglês, ser ciente de que no processo de aprendizagem cabe a mim, usar as aulas de Língua Inglesa para ampliar os horizontes de meus alunos ouvintes e surdos para outra cultura, com modos diferentes de ver e interpretar a realidade".<br>"No que se refere aos conhecimentos que o aluno tem de adquirir em relação a língua estrangeira, ele ira se apoiar nos conhecimentos correspondentes que tem e nos usos que faz deles, como usuário de sua língua materna em textos orais e escritos. Essa estratégia de correlacionar os conhecimentos novos da língua estrangeira e os conhecimentos que já possui de sua língua materna e uma parte importante do processo de ensinar e aprender a Língua estrangeira. Tanto que uma das estratégias típicas usadas por aprendizes e exatamente a transferência do que sabe como usuário de sua língua materna para a língua estrangeira" (PCNs 2004, p.32). |
| Resultados e limitações da pesquisa | Concluíram que, apesar da relevância do ensino de inglês, falta empenho e interesse dos professores em trabalhar com a disciplina para o surdo. Ressalta que formação de todos os professores para as inclusões, faz-se necessário, devendo ser ofertado cursos nas áreas especificas, custeado pelo Órgão empregador. A maior dificuldade dos professores é o ensino de língua inglesa pois tem de fazer adaptações metodológicas para diferentes conteúdos e ainda não existe formação para tanto. |

Artigo produzido a partir da aplicação do Projeto de Intervenção Pedagógica com aula de Inglês em uma turma de 6º ano A, Ensino Fundamental, em escola estadual. As autoras não foram precisas nas informações sobre o trabalho no seu resumo, introdução e conclusão. Inferem que se necessita empenho e boa vontade, principalmente dos professores, para o trabalho com a inclusão. Citam documentos que determinam como o ensino deve ser aplicado nas escolas, porém que este não tem acontecido de forma satisfatória. Chamam a atenção para a relevância ensino de língua inglesa, mas enfatizam a falta de formação de professores e de recursos da escola.

Quadro 06: Interação professor/estudante surdo na aprendizagem de espanhol como língua estrangeira em Boa Vista RR

| CATEGORIA | DESCRIÇÃO |
|---|---|
| Título | Interação professor/estudante surdo na aprendizagem de espanhol como língua estrangeira em Boa Vista RR |
| Autor/a | HERNANDEZ, Tomas Armando Del Pozo. |
| Ano | 2013 |
| IES | UFRR |
| Objetivos da pesquisa | Identificar as dificuldades comunicacionais encontradas na interação professor – aluno surdo na sala de aula de Língua Espanhola. |
| Problema de pesquisa/questões norteadoras | Como ocorre a interação professor – aluno surdo no ensino regular na aula de Espanhol como Língua Espanhola? |
| Método e Dispositivos de Pesquisa | Tipo de estudo de caso etnográfico, através de observação participante, anotações, diário de campo, gravação em vídeo e áudio, entrevistas e análise de documentos |
| Participantes da pesquisa | Turma de oitava série do Ensino Fundamental com 29 alunos ouvintes e uma aluna surda. |
| Lócus da pesquisa | Uma escola Pública Estadual Inclusiva em Boa Vista – Roraima |
| Inclusão educacional (conceito, autores, questões, legislação, etc.) | O Ministério da Educação – MEC, orienta a organização dos sistemas educacionais inclusivos, baseando-se no princípio do direito de todos à educação, o reconhecimento das diferenças e a valorização da diversidade. |
| Práticas pedagógicas (conceito, autores, questões, etc.) | As práticas pedagógicas foram feitas oralmente sem considerar a presença de aluno surdo em sala, ou mesmo usar estímulos visuais. |
| Resultados da Pesquisa | Não existe interação entre professor e aluno surdo na escola observada, nenhum tipo de comunicação entre ambos |
| Limitações e restrições da pesquisa | A professora não utiliza a Libras e não há intérprete na sala. |

O autor concluiu que não existiu nenhum tipo de interação, ou comunicação entre professor e a aluna surda. Chama a atenção que, embora a professora saiba a língua de sinais, não a utiliza, sua metodologia contempla apenas os alunos ouvintes, efetuada através de gramática, exercícios de tradução, sem utilizar textos contextualizados e sem o uso da Libras e de intérpretes. A aluna ficava apática, sem ter suas avaliações diferenciadas da dos ouvintes. Quando ocorreu mudança da data das avaliações, não foi avisada, como se não estivesse em sala durante as atividades e aulas observadas, ou seja, foi tratada numa perspectiva integradora, não inclusiva: como se fosse uma aluna ouvinte.

Quadro 07: Ensino da língua portuguesa como segunda língua aos alunos com surdez no atendimento educacional especializado na rede municipal de Três Corações – MG

| CATEGORIA | DESCRIÇÃO |
|---|---|
| Título | Ensino da língua portuguesa como segunda língua aos alunos com surdez no atendimento educacional especializado na rede municipal de Três Corações – MG |
| Autor/a | MELO, Adriana Priscilla Duarte de. |
| Ano | 2013 |
| IES | UNINCOR |
| Objetivos da pesquisa | Abordar questões relativas ao ensino e aprendizagem de alunos com surdez inseridos nas escolas comuns, tendo como fundamentação teórica as concepções de Letramento e de Interação. |
| Problema de pesquisa/questões norteadoras | Destacadas uma série de posicionamentos proferidos, ora em favor da inclusão, ora veementemente contra ela, da qual foram ressaltadas as seguintes afirmações: "a escola não está preparada", "eles não se adaptam", "não conseguem aprender". |
| Método e Dispositivos de Pesquisa | Metodologia utilizada - análises das produções de alunos inseridos nesse contexto. Revisão bibliográfica das propostas de tratamento do ensino de L2 para alunos surdos no AEE e por meio da análise de produções escritas desenvolvidas com os alunos surdos por uma professora do AEE da rede municipal de Três Corações |
| Participantes da pesquisa | Alunos com surdez no atendimento educacional especializado na rede municipal de Três Corações – MG, no contra turno ao da escolaridade comum, durante o período de dois anos. |
| Lócus da pesquisa | Atendimento educacional especializado na rede municipal de Três Corações – MG |
| Inclusão educacional (conceito, autores, questões, legislação, etc.) | O movimento mundial pela educação inclusiva é uma ação política, cultural, social e pedagógica, desencadeada em defesa do direito de todos os alunos de estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação. (Brasil, 2007, p. 1). |
| Práticas pedagógicas (conceito, autores, questões, etc.) | Não diferencia a pratica pedagógica, utilizando as mesmas atividades, sem nenhuma adaptação curricular. Não utiliza estímulos visuais para o aluno surdo. |
| Resultados e limitações da pesquisa | Essa avaliação que permitiu aos professores do AEE rever seus conceitos e admitir que a prática desenvolvida até ali não estivesse obtendo sucesso. |

De acordo com a autora, a escola não pode insistir em um trabalho com o surdo da mesma maneira com que trabalha com os alunos ouvintes, e o AEE não pode reproduzir esta prática no letramento destes alunos na sala de aula. Há muitos excluídos matriculados nas escolas comuns. A investigação permitiu aos professores do AEE rever seus conceitos e admitir que a prática pedagógica desenvolvida até ali não estava obtendo sucesso. Ressalta que o

Atendimento Educacional Especializado para sujeitos com surdez deve ajudar a escola a quebrar barreiras linguísticas, pedagógicas e quaisquer outras que interfiram na educação destes alunos.

Quadro 08: Aprendizagem de língua estrangeira: um direito do aluno surdo

| **CATEGORIA** | **DESCRIÇÃO** |
|---|---|
| Título | Aprendizagem de língua estrangeira: um direito do aluno surdo |
| Autor/a | UBÁ, Rossana Cirio |
| Ano | 2014 |
| IES | PUCPR |
| Objetivos da pesquisa | Iniciar uma discussão e apresentar alguns caminhos possíveis para a implantação do ensino de Inglês para os alunos Surdos |
| Problema de pesquisa/questões norteadoras | O aluno surdo tem condições cognitivas de aprender Inglês? (Problema)<br>Conhecer uma língua estrangeira (LE) e ter condições de utilizar outro sistema linguístico é também direito do cidadão surdo.<br>O aluno surdo necessita acessar conhecimentos produzidos e visões de mundo partilhadas na cultura de outra língua estrangeira.<br>É de relevância educacional e social constituir novas práticas de ensino de língua estrangeira para alunos portadores de surdez. |
| Método e Dispositivos de Pesquisa | Estudo de caso, mediante observação e relato de experiência |
| Participantes da pesquisa | 03 Professoras-estagiárias graduandas do curso de Letras Português Inglês da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. 06 graduandos surdos da mesma instituição de Ensino Superior. |
| Lócus da pesquisa | Em uma turma Da Universidade Católica do Paraná |
| Inclusão educacional e Prática pedagógica | É necessário adotar políticas e aplicações pedagógicas direcionadas às necessidades dos surdos, respeitando, de fato, a diversificação dos indivíduos.<br>"Não se trata de dizer que os surdos padecem dos mesmos problemas que todos os demais grupos minoritários, obscuros, colonizados, subalternos e dominados. Mas, trata-se de produzir uma política de significações que gera um outro mecanismo de participação dos próprios surdos no processo de transformação pedagógica." (SKLIAR, 1998:14). Conforme Sacks (1998):"Os surdos podem comunicar-se mais facilmente e com maior precisão pela Língua de Sinais porque o cérebro deles se adapta a esse meio e, se forçados a falar, nunca conseguirão uma linguagem eficiente e serão duplamente deficientes". *Não encontrado conceitos e referências à legislação |
| Resultados e limitações da pesquisa | Embora o projeto tenha sido desenvolvido com surdos universitários, a autora considerou inviável, a aplicação do mesmo, com alunos do ensino fundamental e médio ou, a elaboração de um curso de idiomas direcionado para essa clientela. |

A autora chama a atenção para falta de estudos e ações no ensino da Língua estrangeira para o surdo. Aponta a relevância educacional e social de constituir novas práticas de ensino de língua estrangeira para tais. Acredita que esse trabalho pode embasar futuros estudos e práticas específicas no que tange ao ensino de língua estrangeira para sujeitos portadores de

surdez. Pretende, com esse artigo, fazer um relato de uma experiência para professoras-estagiárias, graduandas do curso de Letras Português Inglês da PUCPR, para contribuir na ampliação dos conhecimentos daqueles que se interessam por assuntos pertinentes ao ensino da língua inglesa e pesquisadores que se inquietam diante dos métodos para o atendimento de alunos surdos ou com a formação acadêmica e profissional do surdo.

Quadro 09: Desafios e possibilidades do ensino da língua inglesa para surdos

| **CATEGORIA** | **DESCRIÇÃO** |
|---|---|
| Título | Desafios e possibilidades do ensino da língua inglesa para surdos. |
| Autor/a | CARVALHO, Raquel Araújo Mendes de. |
| Ano | 2014 |
| IES | UFG |
| Objetivos da pesquisa | Compreender o sistema cultural pesquisado, ou seja, a sala de aula de língua inglesa no ensino inclusivo para surdos, por meio da observação e da análise simultânea. |
| Problema de pesquisa/questões norteadoras | Como acontece o ensino de inglês para alunos surdos no contexto de pesquisa? "Há alguma diferenciação nas estratégias e atividades de inglês trabalhadas com alunos surdos e ouvintes na escola inclusiva?" Como os aspectos culturais de cada uma das três línguas envolvidas nesse processo (Libras, Inglês e Português) se manifestam? |
| Método e Dispositivos de Pesquisa | Pesquisa qualitativa de natureza etnográfica, com observação participativa através de instrumentos como: gravação audiovisual de aulas e entrevistas, anotações de campo e documentos gerados. |
| Participantes da pesquisa | Onze alunos (6 surdos e 5 ouvintes), a Professora de Inglês da referida turma do segundo ano do ensino médio e a Intérprete de Libras na Educação de Jovens e Adultos (EJA) participei das aulas de Inglês como Professora Intérprete de Libras e como observadora. Gravação audiovisual Anotações de campo Documentos Entrevistas |
| Lócus da pesquisa | Uma escola estadual inclusiva (EJA) e conveniada, situada na cidade de Goiânia, Goiás |
| Inclusão educacional (conceito, autores, questões, legislação). | Perlin, (2013) identidade surda. Quadros (2012) "os surdos não adquirem a língua portuguesa espontaneamente, simplesmente por conviverem com pessoas falantes de português".<br>A cultura, assim como a identidade, é construída sócio historicamente. |
| Práticas pedagógicas (conceito, autores, questões, etc.) | A Professora de Inglês adota, em sua prática pedagógica, o ensino da forma escrita da LI, dando pouca ou nenhuma atenção aos aspectos comunicativos relacionados com a fala como, por exemplo, a pronúncia e a entonação. |
| Resultados e limitações da pesquisa | Os dados analisados apontam que a escola pesquisada busca adaptar-se à realidade posta pela educação inclusiva. Outro fato observado é que durante as aulas de inglês a interação entre alunos surdos e ouvintes é mínima, devido, em grande parte, ao conhecimento linguístico insuficiente para se comunicarem e interagirem uns com os outros. Os dados sugerem que vários problemas e desafios encontrados, no ensino da língua-alvo para alunos surdos, são frutos do sistema educacional brasileiro, que deixa professor e alunos a mercê de uma educação ainda muito distante do ideal de qualidade. |

De acordo com a autora, a aula de inglês é ministrada em Português e interpretada em Libras. A professora se esforça, mediante a falta de recursos didáticos e desinteresse dos alunos. A prática pedagógica é a mesma para surdo e ouvinte e a professora tende por atender as necessidades dos surdos em detrimento dos ouvintes. Enfatiza que os aspectos culturais das três línguas envolvidas nesse processo (Libras, Inglês e Português) se manifestam através dos comportamentos, das concepções e das interações entre os participantes da pesquisa.

Quadro 10: Educação plurilíngue para surdos: uma investigação do desenvolvimento da escrita em português (segunda língua) e inglês (terceira língua)

| **CATEGORIA** | **DESCRIÇÃO** |
|---|---|
| Título | Educação plurilíngue para surdos: uma investigação do desenvolvimento da escrita em português (segunda língua) e inglês (terceira língua) |
| Autor/a | SOUSA, Aline Nunes de |
| Ano | 2015 |
| IES | UFSC |
| Objetivos da pesquisa | Investigar as contribuições de um ambiente comunicativo e plurilíngue de ensino de inglês (L3) para o desenvolvimento de estratégias de comunicação na escrita de surdos brasileiros em inglês (L3) e em português (L2). |
| Problema de pesquisa/questões norteadoras | Um ambiente comunicativo e plurilíngue de ensino de inglês contribui para o desenvolvimento de estratégias de comunicação na escrita de surdos brasileiros em inglês (L3) e em português (L2)? |
| Método e Dispositivos de Pesquisa | Estudo de caso longitudinal com análise qualiquantitativa dos dados, que teve duas perspectivas: uma específica (análise descritiva) e outra global (análise geral). |
| Participantes da pesquisa | Ministrou-se um curso de inglês para 12 estudantes surdos, fluentes em Libras participantes da comunidade surda de Florianópolis e para alunos da UFSC que concluíram o ensino médio. |
| Lócus da pesquisa | UFSC |
| Inclusão educacional e práticas pedagógicas | Produções textuais a partir da vivencia dos estudantes, perfil pessoal para internet, em E-mail pessoal para *epal* sobre planos futuros |
| Resultados da Pesquisa | Os dados desta pesquisa apontam contribuições do ambiente comunicativo e plurilíngue de ensino de inglês (L3) para o desenvolvimento de estratégias de comunicação na escrita de surdos brasileiros, tanto em inglês quanto em português (L2), respondendo, assim, ao objetivo geral desta pesquisa |
| Limitações e restrições da pesquisa | 24 alunos matriculados mas somente 12 permaneceram. |

O autor acredita que o curso, da forma como foi oferecido, ou seja, numa abordagem comunicativa e plurilíngue, tenha contribuído com o desenvolvimento dos estudantes participantes na escrita em língua inglesa, tanto no sentido de promover a aquisição de recursos linguísticos (tendo em vista, por exemplo, as ricas discussões em sala, comparando as estruturas da Libras, da língua portuguesa e da língua inglesa nos aspectos estudados)

quanto no sentido de estimular o uso de estratégias de comunicação (tanto as baseadas na interlíngua dos aprendizes e nas demais línguas conhecidas por eles quanto as baseadas em processos comunicativos de cooperação), direta ou indiretamente.

Quadro 11: Inglês na palma da mão: letramento crítico e ensino de inglês para alunos surdos

| **CATEGORIA** | **DESCRIÇÃO** |
|---|---|
| Título | Inglês na palma da mão: letramento crítico e ensino de inglês para alunos surdos |
| Autor/a | COURA, Felipe de Almeida. |
| Ano | 2016 |
| IES | UFMG |
| Objetivos da pesquisa | Compreender se o letramento crítico pode contribuir não somente para a leitura e a escrita em língua inglesa dos participantes, mas também para que tenham acréscimos significativos para um posicionamento crítico diante de diversas situações recorrentes na sociedade. |
| Problema de pesquisa/questões norteadoras | Problema: Como seria essa situação em um ambiente onde a primeira língua do aluno, no caso o surdo, não fosse utilizada pelo professor? Norteadores: Curiosidade e pelo desejo de interagir com os surdos que participavam das missas na igreja que eu frequentava; envolvimento com os surdos em minha cidade e em outras localidades da região; interesse pela relação entre o ensino de inglês e o aluno surdo. |
| Método e Dispositivos de Pesquisa | Estudo de caso e pesquisa em sala de aula, pesquisa-ação. Instrumentos de coleta: Filmagens das aulas e das atividades realizadas pelos alunos. |
| Participantes da pesquisa | Alunos surdos, entre 17 a 21 anos, da Educação de Jovens e Adultos (EJA) 3º período do Ensino Fundamental, todos fluentes em Libras (Língua Brasileira de Sinais) e o professor de inglês, autor deste trabalho. |
| Lócus da pesquisa | Uma escola pública estadual especializada na educação de alunos surdos em Belo Horizonte |
| Inclusão educacional (conceito, autores, questões, legislação, etc.) | Falta a consciência política para entender a educação dos surdos como uma prática de direitos humanos concernentes aos surdos; a coerência ideológica para discutir as assimetrias do poder e do saber entre surdos e ouvintes; a análise da natureza epistemológica das representações colonialistas sobre a surdez e os surdos. (SKLIAR, 1999. P. 9) |
| Práticas pedagógicas (conceito, autores, questões, etc.) | Atividades utilizadas de forma diferenciada, embora seja uma turma com apenas pessoas surdas. Visitas ao comércio e aeroportos. Atividades visuais adaptadas derivadas dessas ações para o estudante surdo. |
| Resultados e limitações da pesquisa | Os resultados obtidos nesta pesquisa puderam contemplar os objetivos propostos e, além disso, trazer outras contribuições, como o uso possível do Letramento Crítico nas aulas de LI sem deixar de abordar aspectos gramaticais da língua, além das reflexões possíveis através do modelo dos níveis contínuos de biletramento. |

Em relação à promoção do letramento crítico, o autor considera que na aplicação da pesquisa houve um incentivo à reflexão a partir dos vídeos para que, assim, os alunos se posicionassem

através da escrita utilizada na escrita através do *twitter*. Ressalta que alcançou objetivos através da organização de unidades de ensino condizentes às necessidades dos alunos com temas que visavam a promoção do letramento crítico.

Quadro 12: A prática pedagógica em língua inglesa com alunos surdos: um estudo bibliográfico

| **CATEGORIA** | **DESCRIÇÃO** |
|---|---|
| Título | A prática pedagógica em língua inglesa com alunos surdos: um estudo bibliográfico. |
| Autor/a | BORGES, Raema Almeida |
| Ano | 2016 |
| IES | UEPB |
| Objetivos da pesquisa | O objetivo principal desse trabalho foi mostrar que a inclusão social para o surdo deve ocorrer por meio das LIBRAS e o contato com a cultura surda. |
| Problema de pesquisa/questões norteadoras | Como fazer para que os alunos com deficiência pudessem realmente progredir? Que atividades utilizar para ter maior aproveitamento nas aulas de LI?<br>*Durante a graduação tive a oportunidade de aprender um pouco a LIBRAS, o que fez com que me aproximasse da comunidade surda, e com isso o interesse em relação à educação inclusiva com alunos surdos. |
| Método/Dispositivos de Pesquisa | Pesquisa bibliográfica de ordem qualitativa, descritiva e exploratória |
| Participantes da pesquisa | Pesquisa bibliográfica. |
| Lócus da pesquisa | UEPB - Campina Grande – PB |
| Inclusão educacional (conceito, autores, questões, legislação etc.) | Strobel (2008 *apud* GESSER 2009) em entrevista ao blog Vendo Vozes:<br>(...) muitos autores escrevem livros sobre oralismo, bilinguismo, comunicação total... Mas eles realmente conhecem-nos? Sabem o que é a cultura surda? Sentiram na própria pele como é ser surdo? Esta é uma reflexão importante a ser feita atualmente, porque as metodologias citadas não foram criadas pelo povo surdo e sim por ouvintes. (...) Mas não se trata somente de reconhecerem a diferença cultural do povo surdo, e sim, além disso, de perceberem a cultura surda através do reconhecimento de suas diferentes identidades, suas histórias, suas subjetividades, suas línguas, valorizando suas formas de viver e se relacionar. |
| Práticas pedagógicas (conceito, autores, questões, etc.) | Deve ser apresentado ao surdo atividades visuais, com as devidas adaptações curriculares e comunicar-se com ele não pela oralidade ou gestualização, mas pela LIBRAS. Um dos grandes problemas da educação inclusiva no Brasil, ainda que com 9.722.163 surdos, o país apresenta propostas diferenciadas em relação à educação dos surdos. (IBGE, 2012) |

| | |
|---|---|
| Resultados da Pesquisa | O professor deve buscar, explorar, potencializar e construir o conhecimento desse aluno usando ferramentas e práticas próprias, com uma didática específica através da apreensão do mundo, pois para os surdos, os conceitos são organizados em língua de sinais. |
| Limitações e restrições da pesquisa | Esse estudo bibliográfico somente não dá conta de todas as questões, mas apresenta as noções principais a serem analisadas sobre a educação surda. |

O autor ressalta que sua pesquisa bibliográfica mostra os seguintes impasses na educação de surdos: educadores buscam abordagens para o ensino dos surdos sem conhecer a cultura surda. Isso é frequente nas Escolas Inclusivas, onde não se reconhece a cultura e a língua dos surdos. Ressalta que os professores se preocupam apenas com o ensino voltado aos ouvintes. Os gestores desconhecem os processos específicos às crianças surdas e os professores ouvintes não vêem relevância da presença do intérprete. Assim, não buscam trabalhar em conjunto, na elaboração das atividades, atrapalhando na eficácia do ensino. É necessário trabalhar com alunos surdos, através da apreensão do mundo, já que, para os surdos, os conceitos são organizados em língua de sinais, - uma língua visual-gestual.

Quadro 13: As políticas linguísticas públicas e a educação dos surdos na cidade de Conceição do Coité

| **CATEGORIA** | **DESCRIÇÃO** |
|---|---|
| Título | As políticas linguísticas públicas e a educação dos surdos na cidade de Conceição do Coité |
| Autor/a | CÔRTES, Anna Karyna Torres. |
| Ano | 2016 |
| IES | UFBA |
| Objetivos da pesquisa | Analisar quais são e como foram implantadas no local de execução as políticas linguísticas públicas para surdos e, consequentemente, saber quais são as condições educacionais da comunidade surda na cidade de Conceição do Coité. |
| Problema de pesquisa/questões norteadoras | Quais são as condições educacionais da comunidade surda na cidade de Conceição do Coité, na Bahia? |
| Método e Dispositivos de Pesquisa | Pesquisa de campo com entrevistas nos órgãos públicos, análises das políticas linguísticas voltadas para os surdos, através da dialética platônica com perguntas e respostas, em contraposição das ideias que serão apresentadas pelos gestores |

| | |
|---|---|
| Participantes da pesquisa | Surdos da cidade de Conceição do Coité, mais ou menos 320 pessoas |
| Lócus da pesquisa | Escolas Públicas de Conceição do Coité, na Bahia |
| Inclusão educacional (conceito, autores, questões, legislação etc.) | Os estudos surdos em educação podem ser pensados como um território de investigação educacional e de proposições políticas que, através de um conjunto de concepções linguísticas, culturais, comunitárias e de identidades, definem uma particular aproximação – e não uma apropriação – com o conhecimento e com os discursos sobre a surdez e o mundo dos surdos (SKLIAR, 2001, p. 29). |
| Práticas pedagógicas (conceito, autores, questões, etc.) | Em relação às questões pedagógicas, não há intérpretes em salas com presença de surdos, os professores não são capacitados para atendê-los adequadamente, como, por exemplo, comunicar-se em Libras. |
| Resultados da Pesquisa | Libras não é ensinada nas escolas, nem mesmo em turno oposto, não há intérpretes em número razoável para atender aos surdos matriculados, não há funcionários que saibam Libras, nem mesmo para dar informações básicas. |
| Limitações e restrições da pesquisa | |

O autor destaca que as possíveis contribuições de sua pesquisa seriam desencadear novas trilhas, novos caminhos, pensar novas propostas. Ressalta que não há intérpretes em salas com presença de surdos, os professores não são capacitados para atendê-los adequadamente, como, por exemplo, comunicar-se em Libras, o que prejudica bastante a inclusão dos surdos na cidade onde a pesquisa ocorreu, Conceição do Coité. Acredita que esta servirá para entender como ainda estão aquém do que deveriam estar através do estudo das políticas linguísticas já implantadas e, a partir daí, como elas poderão subsidiar legalmente as mudanças que lentamente poderão propor, para ir além. Servirá, também, para mudar os posicionamentos assistencialistas para o cumprimento de direitos.

Quadro 14: Inserção da Língua Americana de Sinais no ensino de Língua Inglesa: uma proposta dialógica de translinguismo entre surdos e ouvintes

| **CATEGORIA** | **DESCRIÇÃO** |
|---|---|
| Título | Inserção da Língua Americana de Sinais no ensino de Língua Inglesa: uma proposta dialógica de translinguismo entre surdos e ouvintes |
| Autor/a | BACHIETE, Janny Aparecida |
| Ano | 2016 |

| IES | UFES |
|---|---|
| Objetivos da pesquisa | Analisar a interação de quatro línguas de diferentes modalidades no ensino de Língua Estrangeira (LE) para surdos e ouvintes: português e inglês como línguas de modalidade oral-auditivas, Libras e Língua Americana de Sinais (ASL) como línguas visual-espaciais. |
| Problema de pesquisa/questões norteadoras | O estudo de línguas estrangeiras, pouco se tem desenvolvido em relação a metodologias específicas para atender ao aluno surdo, pois as metodologias em geral priorizam a comunicação característica das línguas oral auditivas ou, em alguns casos, a leitura e interpretação de textos escritos. |
| Método e Dispositivos de Pesquisa | Uma abordagem dialógica, assim como reforça Amorim (2004, p.15), é necessária para discutir em torno das ciências a possibilidade de incluir a questão da alteridade "quanto ao seu método, seu rigor, sua cientificidade ou suas condições de possibilidade". |
| Participantes da pesquisa | Turmas de ensino regular do ensino fundamental II de uma escola pública brasileira, professores de inglês e dos intérpretes das respectivas turmas |
| Lócus da pesquisa | Uma escola pública de Vitoria - ES |
| Inclusão educacional (conceito, autores, questões, legislação etc.) | Considerando o translinguismo, que já existe dentro da sala de aula de línguas, que é possível enxergar novas possibilidades de metodologias, perspectivas outras avessas às que tratam diferença como deficiência. É necessário perceber que a maior deficiência está no desperdício de saberes provenientes da cultura surda, das línguas de sinais, de cada sujeito social que se propõe a dialogar e ampliar seu conhecimento linguístico e dos outros que com ele interagem. |
| Práticas pedagógicas (conceito, autores, questões, etc.) | Não se pode desperdiçar a cultura que esse grupo social traz consigo para o ambiente escolar, em uma aula de línguas; ignorar conhecimento linguístico é um desperdício inaceitável. |
| Resultados da Pesquisa | Grande passo que foi dado em direção a novas visões de língua, inclusive de LE, que extrapolaram o contexto de sala de aula e ensino regular. Os participantes passaram a não só aceitar ou respeitar a diferença, mas a querer que o diferente faça parte e acrescente seus saberes. |
| Limitações e restrições da pesquisa | Não se pode ignorar algumas limitações durante a pesquisa impedindo maiores avanços, tais como maior conhecimento prévio dos sujeitos envolvidos, mais tempo para desenvolver as atividades propiciando mais interação e maior aprendizagem, até mesmo as incompreensões, os momentos tumultuados em algumas aulas, o receio inicial de alguns professores em ter que lidar com algo desconhecido. |

O autor conclui que ao tratar das línguas de sinais de forma igualitária às línguas orais, houve possibilidade maior de diálogo, interação e, consequentemente, de aprendizagem, não apenas aprendizagem dos conteúdos propostos, mas uma aprendizagem crítica e significativa compartilhada por todos os participantes. Os pontos negativos foram transpassados pelos

ganhos não só linguísticos e foram inclusive essenciais para fortalecer esses ganhos que sinalizaram para um devir favorável. Ressalta entre os ganhos novas visões de língua, inclusive de LE, que extrapolaram o contexto de sala de aula e ensino regular. Os participantes passaram a não só aceitar ou respeitar a diferença, mas a querer que o diferente faça parte e acrescente seus saberes. É somente considerando o translinguismo, que já existe dentro da sala de aula de línguas, que é possível enxergar novas possibilidades de metodologias, perspectivas outras avessas às que tratam diferença como deficiência.

Quadro 15: Práticas pedagógicas na educação de surdos: análise crítica do discurso de professores da educação básica

| **CATEGORIA** | **DESCRIÇÃO** |
|---|---|
| Título | Práticas pedagógicas na educação de surdos: análise crítica do discurso de professores da educação básica |
| Autor/a | SILVA, Alecrisson da |
| Ano | 2017 |
| IES | UFS |
| Objetivos da pesquisa | Analisar como os discursos dos professores que experienciam contato com alunos surdos, sem conhecimento da Libras, retratam suas práticas pedagógicas e os compromissos sociais deles, da escola, da família e do governo, através dos discursos dos professores. |
| Problema de pesquisa/questões norteadoras | Como os professores de alunos surdos, que lecionam sem terem conhecimentos da Libras e dos métodos a serem utilizados na formação desses alunos, retratam suas práticas pedagógicas e os compromissos sociais deles, da escola, da família e do governo? |
| Método e Dispositivos de Pesquisa | Metodologia descritiva/interpretativista com sustentação nos aportes teóricos da Análise Crítica do Discurso por meio da Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso – ASCD da Gramática Sistêmico-Funcional, especificamente pelos processos do Sistema da avaliatividade e da Educação de Surdos |
| Participantes da pesquisa | Oito depoimentos de 08 professores que lecionaram a alunos surdos no ano de 2015, sem qualquer conhecimento da Libras. Para analisar os discursos dos professores que trabalham ou trabalharam com surdos na escola selecionada. |
| Lócus da pesquisa | Duas escolas da Rede Municipal de Ensino de Coronel João Sá -BA, no ano de 2015, quando a Rede contava com três alunos surdos matriculados, sendo dois no ensino fundamental I e um no ensino fundamental II. |
| Inclusão educacional e práticas pedagógicas | Para Coldfield (2002, p. 40): Uma das grandes diferenças entre a Comunicação Total e as outras filosofias educacionais é o fato de a Comunicação Total defender a utilização de qualquer recurso linguístico, seja a língua de sinais, a linguagem oral ou códigos manuais, para facilitar a comunicação com as pessoas surdas. A Comunicação Total, como o próprio nome diz, privilegia a comunicação e a interação e não apenas a língua (ou línguas). |
| Resultados e limitações da Pesquisa | Os informantes da pesquisa apresentam falta de qualificação para se comunicar na língua materna dos surdos; ressaltou-se que os familiares não faziam valer o previsto em leis para seus filhos surdos; não há como os educandos surdos aprenderem apenas através da oralidade; os professores defendem a relevância |

| | |
|---|---|
| | da presença do intérprete de Libras em sala de aula e a capacitação dos docentes para atuarem com esses educandos. Alegam querer capacitar –se porém faltam políticas públicas viáveis |

O autor alega que a discussão é o meio mais viável para que a comunicação entre professores e alunos surdos aconteça da forma adequada no processo educacional. Afirma que a conscientização dos docentes quanto à necessidade de conhecer a Libras. Continua afirmando que Isso provocaria mudanças quanto à postura didática, quebrando paradigmas metodológicos. Diz que, infelizmente, por falta de conhecimento de uma língua comum a professores e alunos surdos, ou mesmo por falta de um intérprete em sala de aula para fazer a tradução dos conteúdos ministrados pelos docentes a esses educandos, os surdos não conseguiam ter acesso à aprendizagem formal.

Quadro 16: Surdez e educação: aspectos históricos e práticas inclusivas no ensino de língua inglesa

| **CATEGORIA** | **DESCRIÇÃO** |
|---|---|
| Título | Surdez e educação: aspectos históricos e práticas inclusivas no ensino de língua inglesa |
| Autor/a | LUNA, Maria Eduarda do nascimento |
| Ano | 2018 |
| IES | UFPB |
| Objetivos da pesquisa | Discutir alguns aspectos ligados às práticas inclusivas em relação ao aluno surdo, no contexto do ensino da língua inglesa. |
| Problema de pesquisa/questões norteadoras | Questões norteadoras relacionadas ao percurso histórico da inclusão do surdo na sociedade; a importância da adaptação de material didático, inerente à prática pedagógica, para o ensino de língua inglesa para surdos e a deficiência na formação de professoras de língua estrangeira. |
| Método e Dispositivos de Pesquisa | Pesquisa biográfica caracterizada como qualitativa, pois nela conclui-se que o conhecimento é de natureza interpretativa |
| Participantes da pesquisa | Pesquisa bibliográfica |
| Lócus da pesquisa | Na cidade de João pessoa |
| Inclusão educacional | Balbino-Neto e Medrado (2011), Salles et al (2004), Sacks (1998), Brasil (2005), Alves e Gotti (2007), Guarinello (2007), Silva (2006), Gesser (2009) |

| | |
|---|---|
| Práticas pedagógicas (conceito, autores, questões, etc.) | Em relação à adaptação, é notória a dificuldade que os professores apresentam no ensino regular para conseguir oportunizar um ensino de qualidade às pessoas com necessidades especiais, visto que em sua maioria não apresentam uma formação adequada para poder atender à necessidade destes alunos. |
| Resultados e limitações da pesquisa | Ratificamos que vimos a importância de adaptar material didático para ensino de língua inglesa para surdos, pois não adianta o professor apenas jogar conteúdos e fazer com que os alunos decorem, mas ele tem que usar da criatividade para poder trazer metodologias que agreguem algum sentido na vida do aluno, em que seja partícipe ativo. |

O autor, após seu estudo, delibera que, para uma prática docente exitosa na aprendizagem de línguas, é necessário utilizar variados aportes didáticos, a exemplo de jornais, anúncios, manchetes, revistas, etc. Os conteúdos, na hora da ministração da aula, podem ser abordados de diversas maneiras, e o educador deve estar preparado para inovar e tentar utilizar a criatividade na hora de elaborar seu material didático, principalmente no ensino de Língua Inglesa, para alunos surdos. Isso contribui para que sua prática pedagógica tenha sucesso, alcançando seus objetivos. Reitera que observou a importância de adaptar material didático para ensino de língua inglesa para surdos, justificando que o professor precisa usar a criatividade para poder trazer metodologias que agreguem sentido à vida do aluno, em que seja partícipe ativo. Enfatiza que a grande função do material didático é auxiliar o professor para poder ajudá-lo em sua prática pedagógica e, ao mesmo tempo, pode ter outra função: ser inovador, não necessariamente no conteúdo, mas na maneira como será ensinado.

Quadro 17: Ensino da língua inglesa voltado ao aluno surdo: inclusão que integra valor à experiência do professor

| **CATEGORIA** | **DESCRIÇÃO** |
|---|---|
| Título | Ensino da língua inglesa voltado ao aluno surdo: inclusão que integra valor à experiência do professor |
| Autor/a | ALVES, Tatiane Souza |
| Ano | 2014 |
| IES | UFMT |
| Objetivos da pesquisa | Investigar quais as dificuldades que o aluno deficiente enfrenta no aprendizado da língua inglesa num contexto de escola pública. |
| Problema de pesquisa/questões norteadoras | É relevante entender como ocorre a participação do professor nas aulas e observar quais são as estratégias utilizadas no ensino. |
| Método e Dispositivos de Pesquisa | Como aporte teórico as propostas de ensino de educação inclusiva dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs,1997/1998) como também algumas contribuições de Frigotto (2008), Strobel, (2009), |
| Participantes da pesquisa | Uma aluna surda do primeiro ano do Ensino Fundamental em uma escola pública do ensino regular Educação para Jovens e Adultos (EJA), a professora, autora |

| | |
|---|---|
| | desse trabalho e uma intérprete de libras. |
| Lócus da pesquisa | Escola pública do Ensino Fundamental - Educação para Jovens e Adultos (EJA) |
| Inclusão educacional (conceito, autores, questões, legislação etc.) | A formação do professor deve ser um processo continuo, que perpassa sua prática com os alunos, a partir do trabalho transdisciplinar com uma equipe permanente de apoio. É fundamental considerar e valorizar o saber de todos os profissionais da educação no processo de inclusão. Não se trata apenas de incluir um aluno, mas de repensar os contornos da escola e a que tipo de Educação estes profissionais têm se dedicado. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. 200í, p.7). |
| Práticas pedagógicas (conceito, autores, questões, etc) | Letra da música do alfabeto em inglês para soletração oral e em libas, exercícios interpretativos, cruzadinha, apostila de atividades em inglês, filme, caça-palavras, e pequenos textos de interpretação utilizando o dicionário para ajudar na tradução. |
| Resultados e limitações da pesquisa | Através das atividades ministradas tive uma noção de como são as dificuldades para a aluna surda em função de seu aprendizado, como também da professora na realização do ensino sem a comunicação oral direta. Diante dessa vertente, notei que apesar de suas dificuldades com a falta da audição, ela demonstrava interesse em aprender mais uma língua. |

A autora do trabalho, que também é uma participante da pesquisa, respondeu ao objetivo proposto alegando que, pelo desempenho da aluna surda, não foi necessário dispor de atividades diferenciadas para o seu processo de aprendizagem. Descreveu que, em algumas atividades, esta aluna se sobressaiu em relação aos demais colegas ouvintes. A mesma sabia fazer leitura labial, mas contava com a presença de um intérprete.

Quadro 18: Inglês como língua adicional para surdos: encontros de leitura do romance gráfico "monkey food"

| **CATEGORIA** | **DESCRIÇÃO** |
|---|---|
| Título | Inglês como língua adicional para surdos: encontros de leitura do romance gráfico "monkey food"' |
| Autor/a | VASCONCELOS, Stephanie Caroline Alves. |
| Ano | 2018 |
| IES | UFSC |
| Objetivos da pesquisa | Apreciar os recursos mobilizados, descritos pelos leitores surdos na leitura individual e os recursos mobilizados observáveis na leitura coletiva nos encontros de leitura, tendo o gênero romance gráfico em inglês como fonte de leitura. |
| Problema de pesquisa/questões norteadoras | O que reconhecemos nos momentos de negociação dos sentidos em grupo ou nos relatos dos participantes sobre a leitura individual sobre: a) os multiletramentos e b) o repertório de língua? Como esse romance gráfico e contexto diverso mediado em Libras contribuíram para o desenvolvimento da discussão de acordo com os recursos observáveis? Segundo os leitores, quais as dificuldades encontradas na leitura da obra e quais práticas foram utilizadas para superá-las individualmente e coletivamente? |

| | |
|---|---|
| Método e Dispositivos de Pesquisa | Pesquisa-ação de natureza qualitativa, de cunho sócio-histórico. Como instrumento de coleta de dados foram realizadas entrevistas semiestruturadas, com os cinco participantes encontros de leitura e as entrevistas, registrados em vídeo. Filmagens, dos filmados, as notas de campo geradas pela da observação da pesquisadora também foram consideradas como instrumentos de coleta. |
| Participantes da pesquisa | Participaram cinco pós-graduandos surdos com níveis diferentes de inglês. |
| Lócus da pesquisa | Núcleo de pesquisa da UFSC |
| Inclusão educacional e práticas pedagógicas | (RAJAGOPALAN, 2005): O importante é, contudo, não esquecer que, em última análise, os nossos alunos precisam adquirir domínio da língua inglesa para o seu próprio bem e para se tornarem mais aptos a enfrentar os novos caminhos que o mundo coloca no seu caminho. (op. cit. p. 45) |
| Resultados da Pesquisa | Encontrou-se uma variação de influências das línguas compartilhadas como da Libras e da LP. Alguns mais influenciados pela primeira e os demais pela segunda língua. Os principais desafios foram a linguagem informal, composta de gírias, expressões idiomáticas, marcas da vocalidade e a similaridade visual entre as palavras. Constatou-se muitas dificuldades na leitura de Monkey Food, porém, não pensaram em trocar. Concluímos ser uma forte presença da escolarização nesse comportamento, em não abandonar a tarefa. A falta de experiências interativas com a língua não institucionalizadas, formatadas pode ser uma grande limitação. |
| Limitação/ restrição da pesquisa | A greve interrompeu e limitou o trabalho. |

O autor concluiu que os participantes apresentaram um repertório linguístico e práticas de letramento bastante variados nos encontros, enriquecendo a interação em grupo. Além disso, nos momentos de leitura, os resultados dos desafios propostos foram entendidos como falta de prática de leitura informal, proposta nesse trabalho. Assim, os leitores encontraram barreiras ao relacionar o contexto, as marcas informalidade e vocalidade, mobilizando recursos diferentes uns dos outros, como uso de tradutor, dicionário monolíngue, busca de imagens na internet, leitura de imagens do livro, comparação com línguas distintas e anotação em línguas distintas também. O gênero e o contexto diverso proporcionaram uma experiência totalmente nova aos leitores, introduzindo novas práticas de letramento, bem como momentos reflexivos sobre a própria aprendizagem. Além disso, evidenciou o papel do aprendiz na própria aprendizagem em contexto não-escolar e do surdo nas discussões sobre o ensino e aprendizagem.

### 3.2 Discussão

Durante muito tempo o ensino da Língua Inglesa para o surdo foi uma das nossas preocupações, no sentido de compreender como este estava sendo ministrado. Nos preocupávamos, ante informações que tínhamos sobre a inclusão de alunos surdos, em nossa região, pois deixava a desejar. Assim, pensávamos: - se a inclusão de surdos não está sendo satisfatória, o ensino de língua inglesa, pela complexidade da barreira linguística, pode trazer desafios adicionais.

Nessa perspectiva, nasceu o desejo de pesquisar sobre o ensino de inglês para o estudante surdo. Para nos informarmos sobre o que os autores da área dizem sobre o tema, decidimos realizar uma revisão sistemática da literatura considerando a seguinte questão: como as práticas pedagógicas utilizadas pelos professores de inglês estão contribuindo para a aprendizagem do aluno surdo? Com o objetivo de investigar as práticas pedagógicas dos professores de língua inglesa para alunos surdos na sala regular, bem como os desafios da inclusão desse público, fomos à procura de trabalhos escritos, pesquisas, artigos, dissertações, teses, afinal esse tema está sendo atualmente, muito discutido na área de surdez.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) do Ensino Médio chamam a atenção para a relevância do estudo de uma Língua estrangeira como instrumento de acesso às informações e a outras culturas e grupos sociais (BRASIL, 2000, p.11), ampliando assim a visão de mundo dos estudantes. Assim, oportunizar o ensino de inglês ao aluno surdo é imprescindível, em um mundo globalizado onde cada vez mais estamos em contato com outras culturas e outras línguas.

Os motivos para aprender o idioma inglês, o mais falado no mundo, atualmente, variam desde viagens para outros países, passeios, concursos, ampliação de mercado de trabalho, ou mesmo para ter acesso a outras culturas, leitura de livros, artigos científicos, intercâmbios, etc. “Aprender uma língua estrangeira deve atender as necessidades impostas pela sociedade em que vivemos se quisermos que eles possam vir a contribuir ativamente para seu desenvolvimento” (MICCOLI, 2005, p. 31).

Embora para os ouvintes aprender inglês não seja nenhuma novidade, para o surdo é um direito adquirido somente em 1996, quando há aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB (Lei nº 9.394/1996) que garante a matrícula e permanência de alunos com deficiência e surdos na escola regular. Ressalta-se ainda que: "na parte diversificada do currículo será incluído, obrigatoriamente, a partir da quinta série, o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna, cuja escolha ficará a cargo da comunidade escolar." (BRASIL,

1996). Assim, acessamos o catálogo de teses e dissertações CAPES, em busca de dos trabalhos que pudessem responder ao nosso objetivo.

Selecionados um total de dezoito trabalhos e iniciamos uma leitura detalhada sobre o tema língua inglesa para o surdo. Entre os trabalhos analisados encontramos um consenso de opiniões dos docentes que ministram aulas de inglês em turmas inclusivas, de que não se sentem preparados para estar à frente de uma turma com o surdo incluso, pela dificuldade de comunicação, atestando a barreira comunicacional como um dos grandes desafios para inclusão de alunos surdos. Em destaque uma fala de uma professora em um trabalho analisado:

> A presença do aluno surdo, no contexto de sala de aula da escola regular, provoca certo mal-estar nos professores, que pode ser explicado, em certa medida, pelo fato de a prática pedagógica ser fundamentalmente oralizada, comprometendo, assim, a aprendizagem e inclusão do aluno surdo. Este incômodo faz emergir dois sentimentos distintos: culpa e angústia. (POLICARPO, 2010, p. 105).

Algumas dessas situações acontecem pela desestrutura no serviço público: encontramos relatos de escolas com alunos surdos inclusos sem intérprete em sala. O autor de um dos trabalhos pesquisados, Alecrisson da Silva, (Práticas pedagógicas na educação de surdos: análise crítica do discurso de professores da educação básica) infere que, por falta de um intérprete em sala de aula para fazer a tradução dos conteúdos ministrados pelos docentes os surdos não conseguiam ter acesso à aprendizagem formal.

Nesse contexto, faz-se necessário ressaltar que o ensino dessa língua para surdos e ouvintes deve ser diferenciado, impactando portanto nas práticas pedagógicas dos profissionais da educação. Na maioria das pesquisas analisadas, os autores descrevem que em algumas escolas brasileiras muitos professores ministram a disciplina Inglês para surdos e ouvintes utilizando a gramática para leituras e análises, exercícios de tradução, apenas em linguagem oral sem considerar outras metodologias nem as adaptações curriculares. Conclui-se que a prática docente para o estudante surdo ainda se encontra inadequada, pois não usa Libras como língua base nem propõe adaptações curriculares para superação de barreiras, inclusive comunicacionais.

Conforme explicitado, o ensino da língua inglesa para surdos deve acontecer de uma forma diferenciada. Porém, a ausência de formação inicial e continuada dos educadores e de apoio pedagógico, nessa área, constitui-se um grave problema. Os surdos precisam de uma

metodologia de ensino própria, com sala de aula adequada, em que predomine o visual, para que suas atividades pedagógicas cumpram o seu papel na aprendizagem.

Assim, admite-se que a aprendizagem e percepção de mundo, dos surdos, acontecem por meio de experiências visuais, pela Libras, e por outros recursos com imagens, que colaboram para sua educação. Nessa perspectiva, se a adaptação de material deve ser utilizada em outras aulas, na disciplina Inglês ainda mais. Portanto, adaptar material didático para o ensino inglês para os surdos, é, também, tarefa do professor de inglês. Não se pode apresentar conteúdos decorebas. É necessário usar a criatividade e utilizar metodologias que façam sentido para o estudante, para que este participe, ativamente, das atividades.

Educadores buscam abordagens para o ensino dos surdos, sem conhecer a cultura surda. É necessário trabalhar com alunos surdos, através da apreensão do mundo, já que para estes, os conceitos são organizados em língua de sinais, - uma língua visual-gestual.

Além disso, o ensino de inglês para surdos está sendo ministrado, conforme análise sistemática dos trabalhos, em língua portuguesa, oralizada, muitas vezes sem intérprete na sala. Sobre esse aspecto, a literatura atual sobre métodos de ensino para surdos aponta para um ensino que considere aspectos visuais. É necessário utilizar variados aportes didáticos, a exemplo de jornais, anúncios, manchetes, revistas, etc. ou seja, uma pedagogia visual, além de outros recursos como a contextualização do conteúdo a ser trabalhado com as experiências de vida dos alunos, ou seja, contextualizar socialmente o que vai ser ensinado. De acordo com Leffa e Irala:

> Na escola tradicional, a tendência tem sido não só menosprezar o uso da imagem, mas também privilegiar a escrita em detrimento da fala; propõe-se basicamente ensinar o aluno a ler e escrever textos impressos em papel, dentro de uma gramática puramente linguística, quando não apenas prescritiva. (2012, 85).

Apesar dos PCN afirmarem a importância da linguagem não-verbal na educação, a sua inclusão de adaptações curriculares neste sentido ainda é tímida e pouco reconhecida pelos educadores. (BRASIL, 1998). Infelizmente, a imagem está sendo usada na escola como decoração, para tornar a aparência dos trabalhos mais visualmente interessantes", (LEFFA e IRALA, 2012). A imagem é um objeto de estudo e de pesquisa que pode produzir conhecimentos especialmente no de alunos surdos.

Nesse sentido a utilização de imagens pode ser bastante útil e positivas no processo de ensino e aprendizagem de inglês para alunos surdos. Os educadores podem utiliza-las em suas

práticas pedagógicas oferecendo subsídios para ajudar na compreensão e aquisição dos conhecimentos dos estudantes surdo. (LACERDA e SANTOS. 2013).

A maioria dos textos analisados ajudou a responder minha pergunta de pesquisa, entre eles “Ensinando Inglês por meio de Libras: diálogos possíveis.” (ANTONIO, e FERRARI 2013); “Interação professor/estudante surdo na aprendizagem de espanhol como língua estrangeira em Boa Vista RR”. (HERNANDEZ, 2013); “Desafios e possibilidades do ensino da língua inglesa para surdos.” (CARVALHO, 2014); “A prática pedagógica em língua inglesa com alunos surdos: um estudo bibliográfico”. (BORGES 2016); “As políticas linguísticas públicas e a educação dos surdos na cidade de Conceição do Coité”. (CÔRTES, Anna Karyna Torres 2016); “Surdez e educação: aspectos históricos e práticas inclusivas no ensino de língua inglesa.” (LUNA, 2018); “Ensino da língua inglesa voltado ao aluno surdo: inclusão que integra valor à experiência do professor”. (ALVES, 2018) e “Inglês como língua adicional para surdos: encontros de leitura do romance gráfico "monkey food”. (VASCONCELOS, 2018).

Esses autores tanto contribuíram para esse trabalho apresentando informações para responder sobre as práticas pedagógicas utilizadas encontradas, quanto apresentaram sugestões de ações e recursos diferenciados para utilização nas aulas de inglês para surdos, como uso de tradutor, dicionário monolíngue, imagens da internet, leitura de imagens do livro, vídeos e filmes, a utilização da lousa, as tabelas, mapas conceituais, dicionários ilustrados, maquetes, televisão, jornais, revistas, publicidade, internet e outros instrumentos tecnológicos.

Acreditamos que esse trabalho possa, desse modo, interessar a professores que desejam ensinar Língua Inglesa para surdos e que tem enfrentado os desafios apontados, mas mesmo assim buscado alternativas para superar as barreiras comunicacionais e pedagógicas que permeiam essa relação aluno surdo / professor ouvinte. Um dos caminhos apontados pelos pesquisadores e seus participantes é a formação continuada dos profissionais.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na década de oitenta, mediante lutas e mobilização para que a integração da pessoa com deficiência escolar e social se realizasse, a proposta passou a ser prepará-los e depois integrá-los ao convívio social, em uma perspectiva clinica terapêutica, como paradigma educacional. (FERREIRA E GUIMARÃES, 2003). Assim, mudanças foram ocorrendo, e em meio à muitas lutas, mobilizações, declarações, conferências, chegou-se à conclusão que os surdos deveriam ser inseridos em escolas regulares, que mediante as devidas adaptações a receberiam com obrigatoriedade de atender às suas necessidades. (SÁNCHEZ, 2005).

Direitos foram sendo colocados em prática e, entre eles a inclusão educacional com o uso da Libras como língua oficial do surdo nas escolas regulares com a presença de intérpretes. Porém, nem tudo acontece na vida real da forma ideal, encontrada no papel. É sabido que a inclusão não está acontecendo da forma escrita em leis e decretos. Assim, pensando na importância da educação para o indivíduo surdo, percebemos a necessidade de ter pessoas capacitadas, nas salas de aulas regulares, para esse ensino. Com o ensino da Língua estrangeira não é diferente, visto que ter acesso a uma terceira língua, é um direito assegurado por lei.

Esse ensino, no contexto da escola inclusiva, para alunos surdos, está, cada vez mais, conquistando seu espaço em nossa sociedade e é de extrema importância que estes tenham acesso à informação proveniente de outras culturas de uma língua estrangeira, principalmente o Inglês que é a língua mais falada no mundo. Esta língua está presente nos comerciais de televisões, em nossa língua portuguesa com vários termos inseridos, internet, ciência, enfim é relevante para o desenvolvimento do indivíduo integralmente. (BRASIL, 1998).

Todos nós escutamos falar que aprender uma língua diferente da nossa traz benefícios pessoais e profissionais, principalmente o inglês. Inserido em várias áreas de conhecimento, de forma globalizada, a aprendizagem da Língua Inglesa é importante para o desenvolvimento do indivíduo de forma integral. (BRASIL, 1998).

Para que a inclusão aconteça, de forma satisfatória, será necessário reformulações no sistema de ensino e nas práticas, pois apesar dos Parâmetros Curriculares Nacionais e demais documentos norteadores preverem o ensino de uma Língua estrangeira, para o aluno surdo, a mesma não faz referências que esta seja, ou não, ministrada na Língua de Sinais.

Sabe-se que, no Brasil, a Libras, reconhecida pela lei 10.437/2002, é entendida como forma de comunicação e expressão, cujo sistema linguístico é de natureza essencialmente

visomotora. Porém, nessa pesquisa, foram encontradas informações de que as práticas pedagógicas utilizadas nas aulas de inglês para alunos surdos são voltadas para os alunos ouvintes, que costumam ser maioria nas salas de aulas. São ministradas em português com frases gramaticais para leitura pelos alunos. É necessário trabalhar com alunos surdos utilizando imagens contextualizadas e que façam sentido para estes.

Dessa forma, enfatizamos que o ensino de inglês ao estudante surdo não tem atingido seus objetivos. Entre todos os trabalhos analisados existe um consenso de opiniões dos docentes que ministram aulas de inglês em turmas inclusivas, de que não se sentem preparados para estar à frente de uma turma inclusiva.

Diante da pesquisa realizada e sua análise, encontramos na maioria dos trabalhos analisados que, além de se estar ensinando a terceira língua ao surdo, utilizando o português, que é uma linguagem oral, as aulas estão acontecendo sem a presença de intérpretes, ferindo um direito do surdo garantido por lei.

Diante do que observamos nos textos analisados, em resposta à pergunta levantada, no início do trabalho, inferimos que as práticas pedagógicas estão descontextualizadas e inadequadas, pois não tem previsto adaptações curriculares, levando o estudante surdo ao baixo desempenho e, consequentemente, à evasão. Assim, encontramos a resposta para a pergunta inicial levantada para o ensino de Inglês para os alunos surdos. As práticas pedagógicas utilizadas pelos professores de inglês, em geral, não estão contribuindo para a aprendizagem do aluno surdo.

O desconhecimento da cultura dos surdos facilita a postura inadequada do professor quanto às formas de se trabalhar inglês com estes alunos. Os alunos surdos, compreendem o mundo através da língua de sinais, que é uma língua espaço-gestual. Assim, são necessárias práticas pedagógicas que considerem os aspectos visuais. Vários trabalhos apontaram como sugestões de ações e recursos diferenciados a utilização nas aulas de inglês para surdos o uso de tradutor, dicionário monolíngue, imagens da internet, leitura de imagens do livro, vídeos e filmes, a utilização da lousa, as tabelas, mapas conceituais, dicionários ilustrados, maquetes, televisão, jornais, revistas, publicidade, internet e outros instrumentos tecnológicos.

Nesse contexto, com base nessa revisão, sugerimos que o educador ressignifique sua prática pedagógica para atender as necessidades dos alunos com surdez, ampliando o uso de recursos visuais e sua perspectiva como educador para garantir aos alunos surdos e outros que

educação ofertada seja efetivamente inclusiva e de qualidade, e que não apenas seu acesso à escola regular seja garantido, mas também sua permanência e aprendizagem.

Pensamos que esta é uma questão para ser discutida, também nos Cursos de Letras com Língua Inglesa, pois esse curso prepara para o ensino de Inglês para todos os alunos. Podia se fazer uma análise sobre a forma como o educador trabalha os conteúdos dessa disciplina para o Surdo. Os PCN s abordam o ensino de língua estrangeira para os surdos, como terceira língua, mas não detalham sobre quem ou como o mesmo deve ser ensinado. Acreditamos que essas sejam boas sugestões para melhorar o ensino de inglês para o aluno surdo.

Enfim, esse trabalho realizado não teve a intenção de esgotar o tema, muitíssimo distante disso, porém, acreditamos que possa oferecer informações a estudantes do curso de Letras, estudantes surdos, pessoas interessadas em obter informações sobre o processo de ensino as língua inglesa, para alunos surdos, que queiram conhecer pontos positivos e negativos desse ensino, encontrados em nosso cenário educacional.

Faz parte dos nossos planos, dar continuidade a essa pesquisa, no decorrer de nossa caminhada acadêmica, pois gostaríamos de estar engajados na luta pela melhoria do ensino ao aluno Surdo, e, de alguma forma contribuir para a educação inclusiva em nossa sociedade.

## REFERÊNCIAS


ALVES, Tatiane Souza. Ensino da língua inglesa voltado ao aluno surdo: inclusão que integra valor à experiência do professor. Revista Eventos Pedagógicos. UFMG: 2014 Disponível em:C:\Users\Asus\Desktop\: sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/1398 Acesso em: 18/07/2019.

ANTONIO, Lídia e FERRARI e Ana Josefina. **Ensinando Inglês por meio de Libras: diálogos possíveis.** UFPR: Araucária PR. 2013. Disponível: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_ufpr_lem_pdp_lidia_antonio.pdf Acesso em 06 de julho do 2019.

BACHIETE, J. Aparecida. **Inserção da Língua Americana de Sinais no ensino de Língua Inglesa: uma proposta dialógica de translinguismo entre surdos e ouvintes.** UFES: Espírito Santo, 2016. Disponível: http://repositorio.ufes.br/handle/10/10364 Acesso em 06 de julho do 2019.

BORGES, Raema Almeida. **A prática pedagógica em língua inglesa com alunos surdos: um estudo bibliográfico.** UEPB: Joao Pessoa, 2016. Disponível em: www.cintedi.com.br/2016/pdf/comunicacao.pdf. Acesso em 06 de julho do 2019.

BRASIL. INCLUSÃO - Revista da Educação Especial - Dra. Pilar Arnaiz SÁNCHEZ Universidade de Murcia – Espanha. **Como surge a inclusão e que causas a promovem**. Inclusão: Revista da Educação Especial / Secretaria de Educação Especial. v.1, n.1 Out/2005- Brasília

BRASIL. Lei Federal n. 9.394/96 de 20 de dezembro de 1996 MEC. Brasília, 1996.

_____. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira.** Brasília, 1998.

_____. MEC. **Linguagens, Códigos e suas Tecnologias.** In: BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio. Brasília: MEC/SEF, 2000.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Lei Nº. 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais** – LIBRAS e dá outras providências.

_____, Ministério da Educação. **Base Nacional Curricular Comum**, http://basenacionalcomum.mec.gov.br, 2016. Acesso em 13 de julho de 2019.

_____. IBGE. **Censo demográfico**, 2018. Disponível em: www.ibge.gov.br Acesso em 01 de julho de 2019

_____. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. **Regulamenta a Lei no10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais-Libras**, e o art. 18 da Lei no10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: http://www.Planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 14 jul. 2019.

CARVALHO, Raquel Araújo Mendes de. **Desafios e possibilidades do ensino da língua inglesa para surdos.** UFG: Goiânia, 2014. Disponível em: https://repositorio.bc.ufg.br/.../Dissertação%20-%20Raquel%20Araújo%20Mendes%2 Acesso em 06 de julho do 2019.

CÔRTES, Anna Karyna Torres. **As políticas linguísticas públicas e a educação dos surdos na cidade de Conceição do Coité.** Universidade Federal da Bahia – UFBA:2016.

COSTA, Maria da Piedade Resende da. **O deficiente auditivo: aquisição da linguagem, orientações para o ensino da comunicação e um procedimento para o ensino da leitura e escrita.** São Carlos: EDUFSCar, 1994, 104p.

COSTA, Márcia Cunha Silva. **Educação inclusiva e prática docente:** tenho um aluno surdo em minha sala. E agora? UFC: Fortaleza, 2013. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/7520. Acesso em 06 de julho do 2019.

CÔRTES, Anna K. Torres. **As políticas linguísticas públicas e a educação dos surdos na cidade de Conceição do Coité.** UFBA: Salvador, 2016.

COURA, Felipe de Almeida. **Inglês na palma da mão: letramento crítico e ensino de Inglês para alunos Surdos.** UFMG: Belo Horizonte, 2016. Disponível em: www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/MGSS-A8KN6U. Acesso em 06 de julho do 2019.

FERREIRA, Maria Elisa Caputo; GUIMARÃES, Marly. **Educação Inclusiva.** Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

GALVAO, Cristina Maria; SAWADA, Namie Okino; TREVIZAN, Maria Auxiliadora. **Revisão sistemática: recurso que proporciona a incorporação das evidências na prática da enfermagem.** Rev. Latino-Am. Enfermagem, Ribeirão Preto, v. 12, n. 3, p. 549-556, Julho 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692004000300014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 22 Julho de 2019.

HERNANDEZ, T. Armando Del Pozo. **Interação professor/estudante surdo na aprendizagem de espanhol como língua estrangeira em Boa Vista/RR.** UFRR: Boa Vista/RR. 2013. Disponível em: https://ufrr.br/ppgl/index.php?option=com_phocadownload&view=category Acesso em: 06 de julho do 2019.

HORTÊNCIO, G. F. H. **Estudo descritivo do papel dos intérpretes de LIBRAS no âmbito Organizacional das T. de Jeová.** Universidade Estadual do Ceará. 2005. Fortaleza-CE. Disponível: <www.uece.br/posla/dmdocuments/GermanaFontouraHolandaHortencio.pdf> . Acesso em14 de julho de 2019.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de**. Intérprete de Libras:** em atuação na educação infantil e no ensino fundamental. Porto Alegre: Mediação/FAPESP, 2009.

ROCHA A. B. de O. **O papel do professor na educação inclusiva** Ensaios Pedagógicos, v.7, n.2, Jul./Dez/2017. Disponível em: http://www.opet.com.br/faculdade/revista-

pedagogia/pdf/n14/n14-artigo-1-O-PAPEL-DO-PROFESSOR-NA-EDUCACAO-INCLUSIVA.pdf

LACERDA, C. B. F; SANTOS, L.F. **Tenho um aluno surdo. E agora? Introdução `à Libras e educação de surdos.** São Carlos: Ed UFScar, 2013. 254 p

LUNA, Maria Eduarda do Nascimento. **Surdez e educação:** aspectos históricos e práticas inclusivas no ensino de língua inglesa. UFPB: João Pessoa, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/10604/1/MENL08062018.pdf

MELO, Adriana Priscilla Duarte de. **Ensino da língua portuguesa como segunda língua aos alunos com surdez no atendimento educacional especializado na rede municipal de Três Corações.** UNINCOR: Minas Gerais, 2013. Disponível em: periodicos. unincor.br/index.php/memento/article/view/997. Acesso em 06 de julho do 2019.

NAKAGAWA, E. Yumi. Revisão Sistemática: Conceitos Básicos. ICMC/USP: São Carlos. 2017

NOVA ESCOLA. In Cinthia Rodrigues **A falta que os intérpretes fazem na inclusão de alunos surdos.** NOVA ESCOLA Edição 221, 01 de Abril | 2009. Disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/1612/a-falta-que-os-interpretes-fazem-na-inclusao-de-alunos-surdos?download=true#. Acesso em 01 de julho de 2019.

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha. Leitura, Escrita e Surdez. 2. ed. São Paulo: FDE, 2009. Disponível em: http://rbep.inep.gov.br/index.php/emaberto/index. Acesso em: 03 julho 2019.

POLICARPO, Nádia Maria. **A angústia do sujeito-professor diante do processo de ensino e aprendizagem do sujeito-surdo.** UNITAU: 2010. Disponível em: livros01.livrosgratis.com.br/cp136403.pdf Acesso: 06 de julho do 2019.

QUADROS, R. M. de & KARNOPP, L. **Língua de Sinais brasileira:** estudos linguísticos. Artmed: Porto Alegre, 2004.

QUADROS, Ronice Müller**. O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa.** SEESP, 2009, p. 14-15.

ROCHA O. **O papel do professor na educação inclusiva** Artur Batista de Oliveira Ensaios Pedagógicos, v.7, n.2, Jul./Dez de 2017ISSN –2175-1773

SAMPAIO RF e MANCINI MC**. Estudos de revisão sistemática:** um guia para síntese criteriosa da evidência científica. Rev. bras. Fisioterapia: São Carlos, n. 1, jan./fev. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rbfis/v11n1/12.pdf. Acesso em 12 de julho de 2019.

SCHLÜNZEN, E T M; Di BENEDETTO L. S e SANTOS, D. A. N**. História das pessoas surdas: Da exclusão à política educacional brasileira atual.** Conteúdos e didática de Libras. UNESP – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. UNIVESP. 20017. Disponível: https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/47935/1/u1_d24_v21_t02.pdf Acesso em 12 de julho de 2019

SEGALA, Rimar. **Tradução intermodal e intersemiótica/interlinguística:** português escrito para a língua de sinais. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) Universidade Federal de Santa Catarina. 2010.

SILVA, Alecrisson da. **Práticas pedagógicas na educação de surdos: análise crítica do discurso de professores da educação básica.** UFS: São Cristóvão, 2017. Disponível em: https://ri.ufs.br/handle/riufs/8202. Acesso em 07 de julho do 2019.

SOUSA, D. V. C. e SILVEIRA, E. L. **O ensino de língua estrangeira para surdos:** contribuições para formação acadêmica, profissional, social e cultural. Interfaces Científicas - Educação Aracaju: Out/2016. Disponível em: https://periodicos.set.edu.br/index.php/educacao/article/viewFile/2739/1907 Acesso em 20 de julho de 2019.

SOUSA, Aline Nunes de. **Reflexões sobre as práticas de ensino de uma professora de inglês para surdos:** a língua de sinais brasileira como mediadora do processo de ensino-aprendizagem. Rev. bras. linguist. apl., Belo Horizonte, v. 14, n. 4, p. 1015-1044, Dec. 2014. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982014000400011&lng=en&nrm=iso Access on 03 Aug. 2019. Epub Sep 09, 2014. http://dx.doi.org/10.1590/1984-639820145706

_____, Aline Nunes de. **Educação plurilíngue para surdos: uma investigação do desenvolvimento da escrita em português (segunda língua) e inglês (terceira língua).** UFSC: Florianópolis, 2015. Disponível: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/169309/340352. pdf?sequence . Acesso em 06 de julho do 2019.

SKLIAR, C. (org.) **Educação e exclusão: abordagens sócio antropológicas em educação especial.** Porto Alegre: Mediação, 1997, p. 105-153.

THE ECONOMIST. **O triunfo do inglês.** Um império mundial por outros meios. 2001. Disponível em: <http://www.economist.com/node/883997>. Acesso em: 18/07/2019.

UBÁ, Rossana Cirio. Et al. **Aprendizagem de língua estrangeira: um direito do aluno surdo.** PUCPR: Paraná, 2014. Disponível em: https://docplayer.com.br/5532883-Aprendizagem-de-lingua-estrangeira-um-direito-do-aluno-surdo.html Acesso em 06 de julho do 2019.

VASCONCELOS, Stephanie Caroline Alves. **Inglês como língua adicional para surdos: encontros de leitura do romance gráfico "Monkey food".** UFSC: Florianópolis, 2018. Disponível:https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/.../PLLG0745-D.pdf? Acesso em 07 de julho do 2019.